



**SENADO FEDERAL**  
**Instituto Legislativo Brasileiro – ILB**

**RENZO VIGGIANO**

A METÁFORA DE “MEIO COMO MENSAGEM” DIANTE DAS  
NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

**Brasília**

**2015**

**RENZO VIGGIANO**

**A METÁFORA DE “MEIO COMO MENSAGEM” DIANTE DAS  
NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

**Trabalho final apresentado para  
aprovação no curso de pós-  
graduação *latu sensu* em  
Comunicação Legislativa,  
realizado pelo Instituto Legislativo  
Brasileiro, para obtenção do título  
de Especialista em Comunicação  
Legislativa.**

**Área de concentração: Poder  
Legislativo, Sociedade e  
Instituições**

**Orientador: Prof. Msc. Jefferson  
Luís Colombo Dalmoro**

**Brasília**

**2015**

**Renzo Viggiano**

A METÁFORA DE “MEIO COMO MENSAGEM” DIANTE DAS  
NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Trabalho apresentado ao Instituto  
Legislativo Brasileiro, como pré-  
requisito para obtenção de  
Certificado de Conclusão de Curso  
de Pós-graduação Latu Sensu na área  
de Comunicação Legislativa.

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015

**Banca Examinadora**

---

Prof. Msc. Jefferson Luís Colombo Dalmoro

---

Profa. Msc. Valéria Ribeiro da Silva Franklin Almeida

## SUMÁRIO

Introdução .....	7
O profeta aldeão.....	9
A profecia .....	14
Charlatão ou anarquista? .....	25
O retorno do aldeão .....	36
Considerações finais .....	44
Referências .....	47

## RESUMO

O predomínio das novas tecnologias em comunicação traz de volta à discussão as teorias do filósofo canadense Marshall McLuhan. O filósofo foi um professor de literatura inglesa muito influenciado pelos escritos de James Joyce, principalmente pela obra aberta *Finnegans Wake*. McLuhan desenvolveu a tese de que o mais importante em um processo de comunicação não seria o conteúdo da mensagem, mas sim as consequências do uso de um novo meio de comunicação pela sociedade. Denunciou a criação de uma forma de pensar linear e segmentada a partir do uso da tipografia e anunciou uma nova era que estaria sendo gerada a partir do advento da eletricidade. Nessa nova era, o pensamento seria amplo e abrangente, e a humanidade estaria conectada pela eletricidade, comunicando-se como se vivesse em uma aldeia global. Suas teorias foram muito criticadas por seu caráter determinístico, mas também por questões metodológicas, decorrentes de suas influências na literatura. Por razões político-ideológicas, foi posto de lado pela academia. Com o surgimento da Internet e sua popularização nos anos 1990, iniciou-se uma retomada de seus conceitos. Este trabalho se propõe a estudar esses conceitos e suas relações com as tecnologias de comunicação e informação contemporâneas.

Palavras chave: aldeia global; McLuhan; meios de comunicação; mensagem; novas tecnologias;

## ABSTRACT

The prevalence of new technologies in communication brings back the discussion of the theories of Canadian philosopher Marshall McLuhan. The philosopher was a professor of English literature greatly influenced by the writings of James Joyce, mainly by the open work *Finnegans Wake*. McLuhan developed the thesis that the most important in a communication process would be not the message content, but rather the consequences of using a new medium by society. He denounced the creation of a form of linear and segmented thinking from the use of typography and announced a new era that was being generated from the advent of electricity. In this new era, the thought would be ample and embracing, and humanity would be connected by electricity, communicating as if they live in a global village. His theories have been widely criticized for its deterministic character, but also by methodological issues arising from their influences in literature. For political and ideological reasons, it was set aside by the academy. With the emergence of the Internet and its popularity in the 1990s, it began a resumption of its concepts. This paper aims to study these concepts and their relationships with the communication and information technologies contemporary.

Keywords: global village; McLuhan; Media; message; new technologies;

## Introdução

“O meio é a mensagem”. Essa frase, repetida, aqui e ali, nas mais diversas situações ao longo de meio século, é o bordão pelo qual notabilizou-se Marshall McLuhan. Canadense, professor de literatura, católico convertido e admirador do cultuado escritor James Joyce, esse filósofo estudioso das relações entre sociedade e meios de comunicação de massa transformou-se, com seus conceitos-bomba e frases de efeito, em um guru dos meios de comunicação na era pré-Internet. Mas... Será que seu público cativo sabia o que estava comprando? Quantos, mesmo dentro das lides midiáticas poderiam, ainda hoje, afirmar com convicção que sabem o significado daquela expressão aparentemente antitética?

Em se tratando de um trabalho na área de comunicação, a importância no passado atribuída ao pensador, em especial no âmbito de sua aparição como fenômeno de mídia nos Estados Unidos da América seria, por si só, razão bastante para justificar o estudo de suas proposições. Porém, uma motivação pessoal, originária de dúvidas surgidas ainda no decorrer do curso de Jornalismo, nos instigaram a tentar compreender o conceito de “meio como mensagem”. O que significaria essa proposição, tão enfaticamente declarada e defendida por seu criador? Seria essa apenas uma grande “frase de efeito” ou, de fato, uma ideia fundamentada, do ponto de vista teórico? Que outros pensadores corroboram McLuhan? Quais as principais críticas, feitas no passado e quais perduram hoje? Que conceitos o tempo e a evolução tecnológica trataram de ratificar ou refutar? Alguém haveria de questionar a razão pela qual um jornalista tenha passado por sua formação sem adquirir tais conhecimentos, mas obteria como resposta apenas outra indagação: por que a academia brasileira passou ao largo de McLuhan?

O cenário gerado pela revolução tecnológica digital, cujas consequências mal começamos a perceber, propiciaria, porém, uma retomada dos conceitos mcluhanianos. Esse movimento, detectado no âmbito acadêmico globalizado, juntou-se a uma percepção pessoal de que os atores sociais vem deixando-se pautar pela referência às mídias sociais, que são, para o senso comum da atualidade, a expressão máxima do conceito de novas tecnologias. Podemos verificar essa quase imposição cultural na observação cotidiana da relação dos indivíduos com os meios, no comportamento da mídia tradicional – em especial da imprensa – e até mesmo na fala e atuação dos políticos.

O objetivo deste trabalho seria, inicialmente, compreender o conceito de “meio como mensagem” para, em seguida, investigar sobre como tais ideias propostas se relacionariam às

chamadas “novas tecnologias de informação e comunicação”. Tratava-se, em um primeiro momento, de uma revisão bibliográfica abrangendo o livro *Os meios de comunicação como extensões do homem* e textos de autores que houvessem analisado ou se valido dos conceitos ali originados. Em seguida, procuraríamos outros autores, contemporâneos nossos, que os correlacionassem às novas tecnologias de informação e comunicação.

Nossa hipótese era que essas tecnologias digitais, que hoje suportam as chamadas “mídias sociais”, bem como a forma como são usadas, propiciam uma releitura da metáfora do “meio como mensagem”. Além disso – e a despeito de tais conceitos terem sido elaborados na era do rádio e da televisão – parecem calçar como luvas as expressões “aldeia global” e “meios como extensões do homem”.

Ao longo do processo de pesquisa, no entanto, passamos a considerar que, embora a frase “o meio é a mensagem” tenha sido a mola propulsora da fama de McLuhan, a ideia da aldeia global é muito mais interessante e profícua, até porque de certa forma, muitos consideram, foi uma previsão realizada. Tendo escolhido como metodologia a revisão bibliográfica, a pesquisa foi concentrada inicialmente na obra intitulada *Os meios de comunicação como extensões do homem*, em busca do entendimento dos conceitos de “meio como mensagem” e “meios como extensão do homem”, ali propostos pelo filósofo. Ao longo do estudo, no entanto, percebemos a necessidade de estender a pesquisa a outros textos de McLuhan, anteriores e posteriores àquele. Assim, nossas fontes se ampliaram, a começar pelo artigo *Visão, som e fúria*, onde o filósofo planta ideias que iria desenvolver posteriormente. Para esclarecer a ideia da “aldeia global”, foi preciso também consultar *A Galáxia de Gutemberg*. A pesquisa evoluiu naturalmente para a leitura de *O meio é a mass-age* e *Guerra e paz na aldeia global*.

Também buscando esclarecimentos, mas procurando ainda apurar um suposto caráter político ideológico de que se teria revestido grande parte das críticas feitas a ele, ampliamos a pesquisa a importantes críticos de McLuhan, com destaque para o semiólogo Umberto Eco e para o filósofo francês Pierre Levy. Nesse processo, conseguimos obter referências críticas tanto na linha ideológica quanto na linha científica, assim como uma terceira, representada pela tentativa de avançar a partir dos conceitos postos em cheque.

Estruturamos o trabalho iniciando com uma breve biografia do autor, acompanhada de uma introdução ao seu pensamento. Em seguida discute-se os três conceitos principais por ele postulados, cotejando com os autores críticos e posteriormente relacionando-os ao tempo presente. Por fim, uma conclusão, com as impressões pessoais.

## O profeta aldeão

Nascido em Edmonton, província de Alberta, no Canadá, em 21 de julho de 1911, Herbert Marshall McLuhan cresceu em Winnipeg, capital da província de Manitoba. Seus pais eram Herbert Ernest McLuhan, um corretor de seguros, e Elsie Naomi, atriz de cinema, de quem o futuro professor de literatura teria herdado uma memória prodigiosa e o gosto pela poesia. Graduou-se em 1934 na Universidade de Manitoba, obtendo o título de *Master of Arts* em Língua Inglesa, seguindo pouco depois para Cambridge, na Inglaterra, onde, em 1943, defendeu sua tese de Doutorado.

Em Cambridge, McLuhan conheceu Ivor Armstrong Richards, professor de literatura, crítico e poeta, que iria influenciar especialmente as bases retórico-filosóficas sob as quais se organiza seu pensamento. Do professor Richards, apreendeu que “não é o conteúdo de um poema o que, esteticamente, importa; é, antes, o impacto que uma sucessão de inspiradas metáforas produzirá, como efeito psíquico, na mente do leitor” (TRINTA, 2003). Talvez por conta de tal influência tenha escolhido valer-se “do aforismo ao argumento de cátedra”, da enunciação da hipótese sedutora à da tese sisuda” como forma de expressar seu pensamento, escolha essa que viria a conferir-lhe o apelido de “oráculo da era eletrônica” (TRINTA, 2012). Também à influência de seu doutoramento, trabalho que enfocou o autor satírico inglês Thomas Nashe, atribui-se a veia irreverente que caracterizou a fala de McLuhan e contribuiu para apartá-lo “do pesquisador tradicional, obrigado, por praxes e convenções acadêmicas, a se definir e pautar por critérios peculiares ao que se pode ter por uma postura científica” (TRINTA, 2003).

Parece-nos legítimo crer, também, que sua formação em literatura tenha contribuído para aproximá-lo de autores como William Faulkner e, principalmente, do irlandês James Joyce. Esse aspecto é crucial para a compreensão do “estilo mcluhaniano”, posto que é notória e confessa a influência de Joyce sobre McLuhan, em especial de seu último livro, *Finnegans Wake*, que é sistematicamente invocado pelo filósofo canadense em diversas de suas obras.

Publicado em 1939, *Finnegans Wake* é, na visão de Caetano Galindo, tradutor de Joyce, mais que um livro. “É um mito”, afirma<sup>1</sup>. Escrito em uma mistura de dezenas de línguas diferentes, possibilitou a Joyce abusar de recursos como o trocadilho e a fusão de palavras para a criação de outras. É um texto que, ainda segundo Galindo, “não existe para ser exatamente

---

<sup>1</sup> <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/09/finnegans-wake-finnicius-revem/>

‘entendido’.<sup>2</sup> Para o semiólogo italiano Umberto Eco, estudioso do tema, *Finnegans Wake* é exemplo acabado de uma “obra aberta”, ou em outras palavras, um texto que, embora estruturado, oferece interpretação livre ao leitor. Afirma Eco em seu livro dedicado a analisar tal estilo literário:

Em *Finnegans Wake* encontramos-nos, enfim, verdadeiramente, na presença de um cosmo einsteiniano, curvado sobre si mesmo – a palavra inicial une-se à palavra final – e portanto *acabado*, mas por isso mesmo *ilimitado*. Todo acontecimento, toda palavra, encontra-se numa relação possível com todos os outros e é da escolha semântica efetuada em presença de um termo que depende o modo de entender todos os demais (ECO, 2008, p.48).

Consta que o jovem graduando McLuhan havia firmado a determinação de jamais enveredar pela carreira acadêmica. O motivo para isso, segundo seus próprios registros, é que ele estaria aprendendo “a despeito de seus professores”<sup>3</sup>. No entanto, a despeito também de tão arraigadas convicções, dedicou sua carreira ao magistério, tendo lecionado nas universidades de Wisconsin e St. Louis, nos Estados Unidos, e na Assumption University de Ontario, no seu país natal, antes de fixar-se no St. Michael’s College, da Universidade de Toronto, para onde transferiu-se em 1946. Nesta última, veio a encontrar mais uma influência que seria decisiva para a evolução de seu pensamento, o também canadense Harold Innis, professor de economia política e estudioso das relações entre a comunicação e o desenvolvimento das sociedades humanas. A importância de Innis para a formação das ideias de McLuhan está expressa pelo próprio em seu *A Galáxia de Gutemberg*:

Innis também explicou a razão por que a palavra impressa gera nacionalismo e não tribalismo; e por que cria sistemas de preços e mercados tais que não podem existir sem a palavra impressa. Em suma, Harold Innis foi o primeiro a perceber que o *processo* de mudança estava implícito nas *formas* da tecnologia dos meios de comunicação. Este meu livro representa apenas notas de pé de página à sua obra, visando explicá-la (McLUHAN, 1977, p.82).

Em 1963, McLuhan foi convidado pela reitoria da Universidade de Toronto para criar e dirigir o Centro para Cultura e Tecnologia. Ao longo dos anos, trabalharam neste instituto, lado a lado com McLuhan, diversos pesquisadores da área de comunicação. Ali, desenvolviam-se diversas atividades, inclusive de extensão: seminários, oficinas e outros eventos, incluindo os Seminários das Noites de Segunda, promovidos por McLuhan e que enchiam o auditório principal do Centro. Após a morte do filósofo, o instituto chegou a ser fechado pela direção da

<sup>2</sup> <http://app.folha.uol.com.br/#noticia/340826>

<sup>3</sup> <http://www.marshallmcluhan.com/biography/>

faculdade, mas, diante de protestos que partiram de todas as partes do mundo, foi logo reaberto. Em 1994, o instituto tornou-se parte da Faculdade de Informação da universidade, constituindo uma unidade de ensino e pesquisa<sup>4</sup>. O programa opera ainda hoje, tendo como objetivos “o entendimento do impacto da tecnologia sobre a cultura e a sociedade, sob as perspectivas teórica e prática, dando continuidade ao trabalho de McLuhan<sup>5</sup>”

Poderíamos imaginar que sua atuação como docente haveria de fomentar o interesse pelo estudo dos meios de comunicação, já instigado pela relação com Innis. Mas, na verdade, foi o choque de perceber, logo em sua primeira aula, que apesar de poucos anos mais velho que seus alunos, sentia-se deles separado por uma geração<sup>6</sup>, que aguçou-lhe a curiosidade pela investigação da relação entre os meios de comunicação e a educação. Esta faceta de sua atuação se destaca em uma de suas primeiras publicações, o artigo *Visão, som e fúria*.<sup>7</sup> Em tal artigo, publicado originalmente no volume 60 da revista *Commonweal*, no ano de 1954 – anteriormente, pois, a suas obras mais célebres – pode-se encontrar diversas referências explícitas à questão da transmissão do conhecimento. Entre essas, é de se destacar a relação que procura estabelecer entre a experiência de transição vivida pela civilização ocidental quando do surgimento do livro, momento em que a tradição oral foi substituída pelo impresso em série, com aquela vivenciada em seu tempo, quando o advento da cultura da imagem – fotografia, cinema, televisão – já se fazia presente:

Assim como Erasmo via a sala de aula como o novo palco para o drama da imprensa, verificamos hoje que a situação nova que se oferece igualmente aos jovens e velhos é a sala de aula sem paredes. Todo o ambiente urbano tornou-se agressivamente pedagógico. Todos e tudo têm uma mensagem a declarar, um fio que ligar (McLUHAN, 2011, p.168).

Com certeza McLuhan não terá sido o primeiro, e muito menos o último, a estabelecer uma ligação entre os temas “educação” e “comunicação”. É verdade que valeu-se, para isso, até mesmo de uma linguagem mais afeita à literatura do que à ciência, como se faz patente na comparação entre o processo de captura de imagens pela câmara cinematográfica e o processo cognitivo humano (McLUHAN, 2011). Mas é inegável que também em *Visão, som e fúria* já encontrarmos indicações do que viriam a ser consideradas as principais ideias do pensador, no

<sup>4</sup> <http://mcluhan.ischool.utoronto.ca/mcluhan-program/history/>

<sup>5</sup> <http://mcluhan.ischool.utoronto.ca/>

<sup>6</sup> <http://www.marshallmcluhan.com/biography/>

<sup>7</sup> O título desse artigo é uma referência ao romance *The sound and the fury*, de William Faulkner, publicado em 1929.

que diz respeito à comunicação de massa, campo em que seu nome tornou-se icônico, e que é o foco deste trabalho.

A ideia de um planeta interligado pelos meios de massa, por exemplo, se delineia quando o autor discorre sobre a dicotomia entre uma incessante promoção do nacionalismo, detectada por ele nas páginas dos jornais, e o fato de que essas mesmas páginas seriam “poderosamente” interculturais e internacionais. Segundo sua análise, uma guerra travada no outro lado do planeta se transformaria, por obra da imprensa, em uma guerra civil interna. Muitos anos antes de cunhar a expressão “aldeia global”, que o tornaria famoso, já afirmava que o mundo de então seria “uma única cidade” (McLUHAN, 2011).

Também as teses que desenvolveria em *Understanding media* já se apresentavam, ainda que embrionariamente, naquele texto de 1954. McLuhan bate constantemente na tecla da causalidade relativa entre uma mudança na cultura material – uma invenção importante, por exemplo – e os padrões verificados na cultura como um todo, conclusão que considerava, muito apropriadamente, aliás, “uma trivialidade”. Essa ideia é uma das bases sobre as quais sustenta-se sua principal obra, mas, se prosseguirmos na leitura do artigo, logo encontraremos referências a outro de seus muitos aforismos, a intrigante e peremptória declaração de que “o meio é a mensagem”. Nessa passagem, que apresenta-se logo no terceiro parágrafo, o pensador questiona a incapacidade demonstrada pelos americanos do norte em “reconhecer que a própria forma de qualquer meio de comunicação é tão importante quanto qualquer coisa que ele transmita” (McLUHAN, 2011, p.166). Mais adiante, outro trecho nos remete ao futuro McLuhan, não apenas pela tese, como também pelo estilo:

Do ponto de vista do formato, a imprensa como um corte transversal diário do globo constitui um espelho dos instrumentos tecnológicos de comunicação. É o livro popular diário, o grande poema coletivo, a diversão universal de nossa era (McLUHAN, 2011, p.171).

Ao expressar tal ponto de vista, referia-se o aldeão não ao rádio, à televisão ou a outra tecnologia baseada na eletricidade que existisse então. E muito menos, obviamente, a uma rede de computadores que somente viria a existir efetivamente muitos anos depois. Falava, sim, sobre a imprensa escrita – o bom e velho jornal – cuja influência tamanha, como observou ele, já se fazia sentir – há mais de meio século, portanto – inclusive no que dizia respeito a um tema hoje extremamente atual, o desprestígio generalizado que vêm enfrentando os partidos políticos.

Com a publicação de *Understanding media*, em 1964, sobreveio um enorme sucesso de vendas, que acabou por transformar-se em popularidade, fazendo de McLuhan uma espécie de

ícone da contracultura. Passou a ser convidado para inúmeras entrevistas e outros tantos eventos como palestrante, em muitos casos tratados como um astro principal. Chegou até mesmo a figurar em um filme de Woody Allen, *Annie Hall*, de 1977. McLuhan aparece apenas por alguns segundos, apenas para socorrer o “noivo neurótico” vivido por Allen, em uma discussão pública sobre o próprio filósofo. Diz ele a um pretensioso “professor de meios televisivos e cultura”: “você não sabe nada sobre meu trabalho. Até os meus sofismas está interpretando errado”. Era McLuhan interpretando McLuhan, sem dúvidas.

Marshall McLuhan faleceu “enquanto dormia”<sup>8</sup>, em Toronto, a 31 de dezembro de 1980. Deixou muito mais questionamentos do que certezas – e era isso mesmo que pretendia – sobre os axiomas expressos em seus cerca de quinze livros publicados, entre os quais se destacam *The Mechanical Bride: Folklore of Industrial Man*, de 1951; *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*, de 1962; *Understanding Media: The Extensions of Man*, de 1964; *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects*, de 1967, *War and Peace in the Global Village*, de 1968 e *From Cliché to Archetype*, de 1970. Desta forma, para que se possa acatar as lucubrações do “profeta-aldeão”, necessário seria adquirir compreensão dos conceitos por ele propostos, cotejá-los aos de outros pensadores de mesma categoria e importância e, por fim, procurar a síntese nos pesquisadores contemporâneos da comunicação, que busquem retomar as ideias de McLuhan. É o que passaremos a fazer em seguida, discutindo os conceitos de “meios como extensões do homem”, de “meio como mensagem” e de “aldeia global”.

---

<sup>8</sup> <http://www.marshallmcluhan.com/biography/>

## A profecia

Para condensar o pensamento de Marshall McLuhan, expresso nas obras consultadas ao longo da pesquisa, acreditamos ser necessário analisá-lo de uma forma frontalmente contrária ao que proporia o próprio filósofo, ou seja, de maneira linear, sequencial e compartimentada. Tendo patente que “tecnologia” significa qualquer objeto ou aplicação técnica, o que disse ele, resumidamente, é que toda e qualquer tecnologia produzida pela humanidade é uma extensão de um órgão do corpo humano. Sendo uma extensão de um órgão, qualquer nova tecnologia provoca mudanças no equilíbrio existente anteriormente entre os diversos sentidos dos indivíduos. As consequências sociais dessa mudança no equilíbrio é que seriam relevantes para fins de estudo. Tais consequências seriam o conteúdo, ou a mensagem, de cada tecnologia. Como toda tecnologia traz consequências sociais, então, toda tecnologia tem uma mensagem. Como toda tecnologia tem uma mensagem, então toda tecnologia é meio de comunicação. Como a mensagem de cada meio é a mudança que ele próprio opera na sociedade, então a mensagem de um meio é o próprio meio. A tipografia seria uma extensão do sentido da visão e sua mensagem teria sido o estabelecimento de uma forma linear e fragmentada de pensamento, de análise do mundo. Já a eletricidade seria a extensão do sistema nervoso central. A mensagem da eletricidade é a possibilidade de uma percepção instantânea e integral do mundo, por parte do indivíduo. A eletricidade, como extensão do corpo humano, possibilita a interconexão dos cérebros dos indivíduos, formando a rede que chamou de “aldeia global”.

Esta é, pois, a “profecia” de McLuhan: o surgimento de uma aldeia global, cujo conceito é baseado na ideia de que “o meio é a mensagem”, conceito este que, por sua vez, baseia-se na ideia de que meios são extensões do corpo humano. Para entender “aldeia global, então, precisamos compreender o que ele quis dizer com “o meio é a mensagem”. E para entender a ideia de que “o meio é a mensagem” é necessário, primeiramente, entender o conceito de “meio” como sendo “qualquer uma das extensões de nós mesmos”, assim como define McLuhan. O filósofo defendeu que quaisquer tecnologias – e por “tecnologia” entenda-se qualquer ferramenta, aparato ou técnica produzida ou descoberta pela humanidade, incluídos o vírus da varíola e a torta de maçã – seriam extensões do corpo humano, capazes de “libertar o conhecimento de suas amarras físicas” e portadoras de valores intrínsecos (BAPTISTA; BARBOSA, 2011, p. 3).

Talvez por ser menos “revolucionária” ou menos intrigante, a ideia de que os objetos e as tecnologias sejam como extensões do corpo humano não desperte as paixões e as polêmicas. De fato, ao longo desta pesquisa, não encontramos uma só referência contrária à formulação, nem mesmo entre os “anti-mcluhanianos juramentados”. Questiona-se uma ou outra nuance filosófica do conceito, mas não seu aspecto prático. Mesmo o sítio oficial de McLuhan na Internet, ao explicar a origem de algumas de suas ideias, cita o filósofo e poeta norte-americano do século XIX, Ralph Waldo Emerson – mais um poeta a influenciar Mcluhan – como tendo formulado a ideia anteriormente ao professor canadense. Segundo publicado no sítio<sup>9</sup>, Emerson escreveu, em 1870, que “o corpo humano é a revista de invenções, o escritório de patentes, o lugar onde estão os modelos a partir dos quais cada proposta foi retirada. Todas as ferramentas e mecanismos na Terra são apenas extensões de seus membros e sentidos”<sup>10</sup>. Em suma, Mcluhan não criou o conceito, mas sim o apreendeu.

O que se pretende com essa proposição é entender que, ao conceber uma nova tecnologia, o ser humano está projetando, para além dos limites físicos do próprio corpo, uma espécie de apêndice, do qual se valerá para auxiliá-lo na realização de uma tarefa qualquer. Essa projeção do corpo pode corresponder a um órgão físico ou mesmo a um sentido. Ou nas palavras de McLuhan, “todos os meios são prolongamentos de alguma faculdade humana – psíquica ou física” (McLUHAN, 1969, p.54). Assim, a roda seria o prolongamento dos pés e os óculos, a projeção dos olhos. Uma ferramenta, como um martelo ou chave-de-fendas, a extensão das mãos. Pode-se imaginar facilmente a roupa como uma segunda pele, mas em um nível mais aprofundado, temos a vacina, um vírus modificado, como um complemento do sistema imunológico e, como defendeu enfaticamente McLuhan, a eletricidade como extensão do sistema nervoso central.

O ponto central no qual se baseiam as hipóteses mcluhanianas é que a tecnologia elétrica, tida como extensão do sistema nervoso central humano, amplia a sua capacidade de percepção. A consequência dessa aceleração é uma nova forma de perceber o mundo, não mais linear e fragmentada, mas então instantânea e global. Esse processo seria de tal maneira avassalador que chegaria ao ponto de provocar uma inversão, ou seja, o ser humano, de tão condicionado pelo meio elétrico, passaria a ser ele próprio uma extensão do meio. Da mesma forma, a tecnologia estaria criando um novo ambiente, por ela condicionado, para a utilização plena pelos humanos:

---

<sup>9</sup> <http://www.marshallmcluhan.com/common-questions/>

<sup>10</sup> Tradução livre.

Uma vez que os novos ambientes de informação são extensões diretas de nosso próprio sistema nervoso, eles possuem uma relação muito mais profunda com nossa condição humana que o antigo ambiente “natural”. São formas de vestimenta que podem ser programadas à vontade para produzirem o efeito que se deseja. Com absoluta naturalidade, tomam a si o processo evolucionário que Darwin tinha visto na espontaneidade da biologia (McLUHAN, 1970, p.36).

Compreendida a ideia do meio como extensão, cabe fazer o mesmo com o próprio conceito de mensagem segundo McLuhan. Segundo ele, não é o conteúdo produzido, com intento, por alguém, que constitui a mensagem. Para ele, “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (McLUHAN, 2007, p. 22). Isso quer dizer que a mensagem que cada tecnologia carrega é constituída pelo conjunto de consequências provocadas pela existência daquela tecnologia na sociedade, e isso seriam seus valores intrínsecos. Ou, nas palavras do próprio McLuhan (2007, p. 21):

Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos (McLUHAN, 2007, p.21)

Talvez o maior problema que se possa denunciar no pensamento de McLuhan se encontre na declaração acima, exatamente aquela que o projetou para além da cátedra em Toronto e que abre o livro no qual pretende nos ensinar a “entender a mídia”. Só que, para alcançar tal intento, não é suficiente ler esse aforismo inicial. Para que se tenha uma noção melhor do que pretendia ele dizer, é preciso seguir em frente por mais uma página, até que se encontre a seguinte declaração: “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (McLUHAN, 2007, p.22). Mas, o que isso significa, exatamente?

Procedendo a uma análise semântica, mais uma vez de uma forma linear e sequencial, concluímos que o conteúdo de um meio de comunicação é o resultado do novo padrão de comportamento social, imposto pela utilização do próprio meio sobre o tecido social. Portanto, o conteúdo de um meio de comunicação, ao que chamamos de “mensagem”, seria aquilo que o uso daquele meio provoca na sociedade. Mas, se toda tecnologia tem consequências sobre a sociedade, então toda tecnologia carrega uma mensagem e, portanto é também um meio de comunicação. Deriva desta última relação, e somente dela, a conclusão mcluhaniana de que o

meio seria a mensagem. E é nessa derivação que encontramos o problema: não existe uma relação de causa e consequência entre uma declaração e outra. Mesmo tomando como verdadeira a proposição, por si só altamente questionável, de que toda tecnologia carrega uma mensagem, não se pode disso concluir que tecnologia, meio e mensagem sejam a mesma coisa.

A maneira escolhida pelo filósofo para se expressar, valendo-se de exposições em forma de mosaico, sem encadeamentos lógicos e abusando de aforismos, dificulta muito a compreensão das suas ideias. Ao dizer que meio é “igual” a mensagem, abriu ao público a interpretação livre. Para o senso comum, seria plenamente aceitável a interpretação de que o meio “carrega” consigo uma mensagem. É algo como dizer, por exemplo, que se eu uso o carro quando poderia usar o ônibus, é porque sou uma pessoa apressada e ocupada; que se uso a bicicleta ao invés do carro, é porque respeito o meio-ambiente; que se ando em um carro caro ao invés de um econômico, é porque quero mostrar que sou mais rico; que se uso uma roupa mais “alinhada” ao invés das habituais é porque preciso impressionar alguém; que se uso redes sociais para me mobilizar é porque sou revolucionário. No entanto, não foi isso que ele quis dizer.

Obviamente, prosseguindo com a análise do texto, iremos compreender que o objetivo da bombástica declaração era dizer que o importante seria discutir as consequências do meios de comunicação sobre a vida cotidiana de uma sociedade, e não aquilo que pretendia dizer quem produziu o conteúdo transmitido, qualquer fosse o meio ou o produtor. Mas, será que o público em geral compreendeu isso? Acreditamos que não. E podemos imaginar que o próprio McLuhan percebera isso, como, aliás, bem pontua sua aparição relâmpago em *Annie Hall*. Tanto não foi compreendido que viria a publicar dois outros volumes nos quais tentaria explicar, de uma forma mais lúdica e menos joyceana, as suas teses. Ali pode-se ler, por exemplo:

Todos os meios agem sobre nós de modo total. Eles são tão penetrantes que suas consequências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais não deixam qualquer fração de nós mesmos inatingida, intocada ou inalterada. O meio é a massa-gem. Toda compreensão das mudanças sociais e culturais é impossível sem o conhecimento do modo de atuar dos meios como meio ambiente (McLUHAN, 1969, p.54).

McLuhan produziu, ainda, outras máximas controvertidas, como é o caso da proposta de que um meio é o conteúdo de outro meio. Para ele, o conteúdo de um filme, por exemplo, é “um romance, ou uma peça de teatro, ou uma ópera”. Já no caso da palavra impressa, o “meio-conteúdo” seria a fala. Essa ideia nos remete, inevitavelmente, ao momento contemporâneo,

dado que o meio de comunicação de massa hegemônico da atualidade caracteriza-se justamente por carregar, em forma de conteúdo, todos os outros meios relevantes de comunicação.

Outra proposta que levantou polêmica é a ideia de meios “quentes” e meios “frios”. Para McLuhan, o conceito de meio quente diz respeito àqueles que prolongam unicamente um dos sentidos humanos, e em “alta definição”, o que significa que esse meio disponibiliza grande quantidade de informações. Como exemplo de meio quente ele cita a fotografia, em contraste com a caricatura ou o desenho animado, que, por oferecerem pouca quantidade de informação seria de “baixa definição” e, portanto, “frios”. Os meios frios teriam como característica a possibilidade maior participação e envolvimento do público. Isso porque a menor quantidade de informação deixaria lacunas que poderiam ser preenchidas pelo usuário. Entre os meios frios teríamos o telefone, a própria fala humana, os hieróglifos e a televisão. Entre os quentes, o cinema, o rádio e a tipografia.

Nesse contexto de suas ideias, McLuhan demonstrava uma visão francamente otimista em relação às possibilidades das novas tecnologias elétricas, em especial à televisão. E foi também muito criticado por essa visão, sob a acusação de ser “alinhado” aos poderosos meios de comunicação e seus donos capitalistas. No entanto, McLuhan via a tecnologia elétrica como libertadora. (McLUHAN, 2007, p.19). Essa visão otimista está impregnada no conceito de um planeta tribalizado e se expressa, por exemplo, da seguinte forma:

Mais especialmente, a criança, o aleijado, a mulher e as pessoas de cor comparecem como vítimas da injustiça, no mundo da tecnologia tipográfica e visual. Por outro lado, numa cultura que distribua papéis (sentido teatral) em lugar de empregos, o anão, o deformado e a criança criam seus próprios espaços. Deles não se espera que venham a caber em nichos uniformes e repetitivos – sempre fora de medida para os seus tamanhos (McLuHAN, 2007, p.32).

Nosso enfoque principal, porém, será em torno do conceito de “aldeia global”. É possível que, entre aquelas tantas cunhadas pelo pensador canadense, essa expressão seja a mais conhecida fora dos meios acadêmicos. Talvez devêssemos dizer “a mais popularizada”, ou mesmo “a mais festejada”, palavras mais adequadas a algo que não foi perfeitamente compreendido. Sim, pois, em nosso entendimento, é equivocada a ideia que atribui à televisão, como meio de comunicação de massa, a missão de integrar o planeta através das ondas eletromagnéticas. Pelo contrário, acreditamos que trata-se essa visão de mero senso comum, fruto do próprio meio espetacularizado, autorreferente e superficial. De fato, McLuhan demonstra certa predileção pela televisão, mas o conceito envolve muito mais do que apenas um único meio, pois referia-se o filósofo à eletricidade e “às suas múltiplas aplicações no âmbito da troca de informações”.

Embora considerasse o mundo, desde *Som, visão e fúria*, nos anos 1950, como “uma única cidade”, McLuhan começaria a expor esse conceito somente em seu livro *A Galáxia de Gutenberg*, publicado originalmente pela Universidade de Toronto em 1962. Nessa obra, discorre sobre os efeitos do surgimento da tipografia sobre a sociedade recém-saída da era medieval, ainda envolta na oralidade e na tradicional técnica da cópia manuscrita. A invenção da tipografia teria sido a primeira “mecanização” de uma atividade humana até então registrada e a palavra impressa a primeira mercadoria a ser reproduzida uniformemente (McLUHAN, 1977, p.176/177).

McLuhan propunha, então, que toda nova tecnologia, ao ser introduzida em uma sociedade, poderá afetar primordialmente um ou outro sentido humano. Quando isso acontece, essa nova tecnologia alterará a relação que existia entre os sentidos, provocando a prevalência daquele um sobre os outros (McLUHAN, 1977, p.48). Esse teria sido o efeito da tipografia, que sobrepujou a cultura oral, transformando-a em cultura visual e impondo um caráter linearizado e compartimentado ao pensamento do homem. Da mesma forma, a cultura visual da “era de Gutenberg” estaria entrando em declínio com o advento da eletricidade. Essa derrocada teria se iniciado com o surgimento do telégrafo e, posteriormente, do rádio, do cinema e da televisão. Ou, em suas próprias palavras, “a civilização que traslada o bárbaro ou homem tribal do universo do ouvido para o da vista está agora em dificuldades com o mundo eletrônico” (McLUHAN, 1977, p.51).

Além de um retorno à cultura auditiva, caracterizada principalmente pelo crescimento do rádio, mas que pode ser atribuída também ao próprio telefone, McLuhan observou que a eletricidade proporcionou significativo incremento de velocidade na transmissão da informação. Ele prosseguiria sua análise naquele que viria a ser seu mais celebrado e contestado trabalho, *Understanding media*, abordando a questão da aceleração do fluxo da informação. A ideia da “aceleração” é fundamental para o entendimento do fenômeno da “aldeia global” e é presença constante na obras do filósofo.

Assim como Harold Innis, McLuhan considera que o modo mais adequado ao entendimento da “era da eletricidade” é o estudo dos transportes enquanto meios de comunicação. Antes do telégrafo, as estradas e a palavra escrita eram “tecnologias” profundamente interligadas, sendo disso exemplo emblemático o Império Romano. O surgimento das tecnologias “estrada” e “papiro” acelerou a transmissão de informação, notadamente a comunicação militar. A troca de informações entre comandantes e comandados, então muito facilitada, teria permitido a expansão do império, que superou o modelo das cidades-estado. Com a escassez do papiro, consequência do avanço da civilização árabe sobre

as terras mediterrânicas, por volta da metade do primeiro milênio, o império perdeu força, franqueando espaço para a volta das cidades-estado, que se apresentaram na forma dos feudos. A adoção da tecnologia da impressão tipográfica, quase mil anos depois, por sua vez, teria contribuído decisivamente para por fim à era medieval.

Algo parecido estaria acontecendo a partir do surgimento da tecnologia “eletricidade”: a supressão, por uma hipotética obsolescência, do papel e da palavra escrita, substituídas pelas ondas eletromagnéticas, leva à obsolescência também a estrada, a ferrovia e, quiçá, a aerovia. Com o telégrafo, afirma, pela primeira vez a mensagem foi mais veloz que o mensageiro (McLUHAN, 2007, p.108). Como se percebe, a palavra-chave, em ambos os processos, é “aceleração”. As estradas de Roma aumentaram a velocidade da transmissão das informações grafadas nos papiros, assim como hoje estaria acontecendo por efeito da utilização de tecnologias baseadas nas ondas eletromagnéticas. A nova cidade-estado, produzida como consequência direta dessas novas tecnologias, seria aquilo que McLuhan chamou de “uma única cidade”, ou seja, o planeta inteiro interligado pela informação instantânea.

Em outras palavras, o advento do controle da eletricidade e a consequente evolução em sua aplicação, em especial a descoberta de usos para as ondas eletromagnéticas, propiciou o desenvolvimento do rádio, da TV, das comunicações por satélites – e, pontuamos nós, viria a redundar, em um contexto mais próximo da contemporaneidade, na telefonia móvel, que é baseada exatamente em ondas de rádio. Como consequência dessa mudança tecnológica, foi restabelecida a possibilidade de uma comunicação quase instantânea, próxima da simultaneidade, à moda do que poderia ocorrer em uma pequena aldeia africana ou em uma vila medieval. “Vivemos num único espaço compacto e restrito em que ressoam os tambores da tribo”, ou seja, numa “aldeia global” (McLUHAN, 1977, p.58).

Posteriormente, já com suas ideias sendo abertamente festejadas pelo estabelecimento midiático e fortemente contestadas nos meios acadêmicos, McLuhan nos traria *The medium is the message*, tendo como co-autor Quentin Fiore, responsável pela seleção de fotografias e ilustrações. Trata-se, desta feita sem dúvidas possíveis, de uma legítima “obra aberta”. Nesse livro, pontado por imagens diversas – fotografias, desenhos em várias modalidades e charges – compiladas por Fiore, McLuhan busca dar uma explicação ao público sobre suas controvertidas ideias, propostas em obras anteriores. Ou, se não quis “explicar”, no mínimo tentou oferecer uma bem-humorada resposta a seus detratores.

No dizer de Ivan Pedro de Martins, tradutor da obra para o Brasil, o título, cuja versão literal seria “o meio é a mensagem”, constitui-se em um jogo de palavras intraduzível, e assume, na semântica mcluhaniana, uma série de desdobramentos. Poderíamos dizer que encontramos

um belo exemplo de “trocadilho joyceano” no estratagema que combina – ou confunde? – “message” com “massage”, podendo esta última significar tanto o efeito relaxante de uma massagem para o cérebro do espectador quanto a simples fusão dos termos “mass” e “age”, para formar, e ao mesmo tempo informar, a nomenclatura de um tempo que já se anunciava: a “era das massas”. Martins explica que, para manter, à moda do profeta, a “exdruxulosidade” do título, optou por combinar “massa” com “gens” – que também significa “povo” ou “massa” – e criou sua própria interpretação: “o meio é a massa-gens”.

Embora de McLuhan se diga que nunca quis esclarecer nada, mas sim que, como se fosse um Chacrinha<sup>11</sup> perdido na academia, pretendesse apenas provocar, percebe-se nessa obra algumas tentativas de se fazer entender de uma forma mais clara. Essa intenção transparece em uma sequência de dezesseis páginas, nas quais vale-se de imagens para destrinchar a ideia de “meios como extensões do corpo”. De início, enuncia que “todos os meios são prolongamentos de alguma faculdade humana – psíquica ou física” para, em seguida, com imagens legendadas, como em um livro infantil, correlacionar a roda ao pé, o livro ao olho, a roupa à pele, os circuitos elétricos ao sistema nervoso central. Por fim, conclui que os meios, ao alterar o ambiente, fazem surgir em nós novas percepções sensoriais, alterando nossa forma de pensar, de agir e de perceber o mundo. Pouco depois, demonstrando uma clareza e uma objetividade que não havíamos detectado em seus escritos anteriores, resume, em apenas um parágrafo, páginas e páginas nas quais havia descrito a forma como o alfabeto havia condicionado a humanidade:

A história ocidental foi modelada por cerca de dois mil anos pela introdução do alfabeto fonético, um meio que depende somente dos olhos para levar à compreensão. O alfabeto é um edifício construído com pedaços fragmentados e partes que não possuem significado semântico em si mesmos, e que devem ser atados em comum numa linha, como as contas de um rosário, e em ordem preestabelecida. Seu uso estimulou e encorajou o hábito de percepção do meio ambiente em termos visuais e espaciais – particularmente em termos de um espaço e um tempo que são uniformes, contínuos e interligados (McLUHAN, 1969, p.72).

*The medium is the message* tem seu caráter explicativo, mas, parece-nos, é também uma resposta aos detratores de suas ideias. Isso se explicita logo nos primeiros parágrafos, naquilo que poderíamos chamar de “introdução”, se a obra comportasse uma, e que constitui uma das pouquíssimas ocasiões em que a fala se aproxima daquela de um texto convencional. Ali,

---

<sup>11</sup> Abelardo Barbosa, o “Chacrinha”, apresentador de rádio e televisão, foi um dos maiores ícones da cultura de massas brasileira no século XX, e tinha entre seus inúmeros bordões a frase “eu não vim para explicar; eu vim para confundir”.

anuncia um tempo em que seria preciso romper barreiras, suprimir velhas categorias, e evoca o filósofo e matemático Alfred North Whitehead, segundo quem “a insistência na clareza a qualquer custo baseia-se em pura superstição quanto à maneira de funcionamento da inteligência humana”. Diz McLuhan, em defesa de sua própria forma de pensar:

Os estudiosos dos meios são persistentemente atacados como alienados, preguiçosamente concentrados em meios e processos em vez de “conteúdo”. As rápidas e dramáticas mudanças do “conteúdo” esquivam-se desses acusadores. A sobrevivência tornou-se impossível se o exame do ambiente, o drama social, se faz com um ponto de vista fixo e imutável – apenas uma estúpida reação tautológica para o que não se percebe (McLUHAN, 1969, p.38).

Nesse ambiente de explicação e de autodefesa, encontramos alguns fortes indícios de uma certa predileção do filósofo pelo meio televisão, que podem nos ajudar a compreender não apenas a razão para a pecha da alienação, mas também aquele entendimento, que atribuímos ao senso comum, segundo o qual a ideia da aldeia global diz respeito à influência daquele meio em especial. Para McLuhan, “a televisão exige participação e comprometimento em profundidade de todo o ser”. Por exigir ao mesmo tempo os sentidos da visão e da audição, a televisão teria abolido “a metáfora especializada acústica-visual que estabeleceu a dinâmica da civilização humana”, ou seja, a escrita (McLUHAN, 1969, p.153). O novo meio, por via do impositivo da propaganda comercial, teria desmontado a forma narrativa, característica do meio anterior, e dessa forma, estaria influenciando a própria literatura, filha do impresso, modificando a linguagem do cinema e, principalmente, criando uma nova geração de indivíduos televisivos. Essas crianças seriam muito mais sérias, enérgicas e dedicadas que as de outros períodos. Nesse sentido, são absolutamente emblemáticos a última imagem e o último texto do livro. Trata-se de uma charge, na qual um adolescente, munido de uma guitarra elétrica, pondera perante seu velho pai, que está cercado de livros em uma gigantesca biblioteca:

Veja, papai, o professor McLuhan diz que o ambiente que o homem cria torna-se seu meio de definir seu papel nele. A invenção da tipografia criou o pensamento linear, ou em sequência, separando o pensamento da ação. Agora, com a TV e canções folclóricas, o pensamento e a ação estão mais próximos e o comprometimento social é maior. Agora vivemos de novo numa aldeia. Compreendeu? (McLUHAN, 1969, p.185)

McLuhan, portanto, finaliza seu livro “explicativo” afirmando que a televisão transformou o mundo em uma aldeia global. Mas ele retornaria ao tema da tribalização pela eletricidade em seu *Guerra e paz na aldeia global*, originalmente publicado em 1968, mais uma vez em parceria com Quentin Fiore. Nessa obra, faz uma análise do desenvolvimento tecnológico em função das necessidades militares, ao longo da história. Ali, encontramos mais

elementos que podem remeter à ideia da televisão como criadora da aldeia global, assim como a outro, mais recente, relativo às capacidades premonitórias de McLuhan.

Uma dessas passagens é a apresentação da lista dos “Dez Trovões” de *Finnegans Wake*, metáfora através da qual James Joyce retrata aqueles que seriam os grandes momentos de mudança tecnológica na história humana. McLuhan considera cada um desses “trovões” como “um criptograma ou explicação codificada do trovejar e das reverberações consequentes” de tais mudanças (McLUHAN, 1970, p.4). O décimo e último dos momentos detectados por Joyce é justamente o advento da televisão, capaz de levar “de volta ao envolvimento tribal do primitivo lodo gerador de modo” um “homem turbulento, confusamente desperto na penumbra não-visual e tátil” (McLUHAN, 1970, p.48).

Mais a frente, porém, outra passagem é mais esclarecedora. Ao abordar a influência da TV na cobertura do conflito do Vietnam, que ele chama de “nossa primeira guerra televisiva”, o autor decreta o fim da dicotomia entre civis e militares e declara: “O público participa agora de todas as fases da guerra e as ações mais importantes da guerra estão tendo lugar no próprio território americano (McLUHAN, 1970, p.134). Impossível não recordar de *Visão, som e fúria*, que, como já havíamos mencionado, publicou-se em 1954, antes mesmo do início das hostilidades no Sudeste Asiático. Os Estados Unidos somente entrariam efetivamente na guerra, com a participação de suas tropas em combate, cerca de uma década depois. Dizia o filósofo, então, sobre a abrangência da imprensa no mundo pós-telégrafo: “Toda guerra é guerra civil. Todo sofrimento é nosso” (McLUHAN, 2011, p.171).

Encontramos também alguns indícios que podem ter alimentado a mística de profeta visionário, que aparentemente pretende-se imputar-lhe. Estamos falando da importância extrema que McLuhan atribui ao computador, como invento, para a civilização, muito superior, por exemplo, à roda. Para ele, sendo uma extensão do sistema nervoso central do homem, trata-se de uma extraordinária vestimenta tecnológica. Por terem propiciado a criação e lançamento de satélites, possibilitaram o desenvolvimento de um ambiente artificial ao redor do planeta, modificando-lhe a natureza. Os “sistemas de informação elétricos” seriam ambientes orgânicos capazes de alterar nossos sentimentos e sensibilidades (McLUHAN, 1970, p.36). E vaticina: “A ordem de importância em que colocamos nossos sentidos existentes quase certamente será mudada com a tecnologia elétrica e o computador” (McLUHAN, 1970, p.175). De fato, bastaria uma certa dose de ciberotimismo, ou ao menos um mínimo de boa vontade para que se admita estabelecer uma ligação entre a realidade contemporânea e a ideia seguinte:

Ao contrário dos animais, o homem não possui outra natureza que sua própria história – sua história total. Eletronicamente, essa história total está agora potencialmente presente numa espécie de transparência simultânea que nos transporta a um mundo que Joyce chama de “tempozero heliotrópico”. Ficamos enlevados no “artifício da eternidade” ao colocar nosso próprio sistema nervoso em torno do mundo inteiro. O primeiro satélite deu fim à “natureza” em seu sentido tradicional. A “natureza” tornou-se o conteúdo de um ambiente feito pelo homem. Desde aquele momento, todos os fenômenos terrestres deviam tornar-se crescentemente artefatos programados e todas as facetas da vida humana se encaixam agora dentro do escopo da visão artística. (McLUHAN, 1970, p.177)

Trechos como este, que polvilham sua obra, levaram muitos a considerá-lo um profeta, um visionário que teria antevisto a criação da Internet. Na verdade, McLuhan já era considerado um guru em seu próprio tempo. Mas a ciência não gosta de profetas e os pensamentos hegemônicos não admitem quem a eles não se curve.

## Charlatão ou anarquista?

A ousadia de propostas de McLuhan, combinada à audácia de haver tentado uma crítica social sem prestar tributo ao pensamento hegemônico, apresentaria sua conta na forma de uma rejeição por parte de outros pensadores da mídia de sua época. Tratado como um profeta louco e desprovido de qualquer valor de conhecimento, foi acusado de fraude intelectual e teve suas teses repudiadas de forma violenta por um aparato que já então operava no âmbito na análise dos meios de massa.

Nesse sentido, exemplar é o que escreve Hans Magnus Enzensberger. Para este pensador marxista, a esquerda não teria conseguido compreender a importância do aparato midiático para seu projeto e, pois, falhara em ocupá-lo plenamente, deixando assim espaço para que uma “vanguarda apolítica” – obviamente não-marxista – pudesse fazê-lo. McLuhan, que por obra dos próprios instintos havia logrado tal conhecimento, seria, então, o porta voz de tais setores. O caráter da crítica de Enzensberger não poderia ser melhor representado por qualquer outra fala de seu artigo que não a seguinte:

O intento de McLuhan, ao tentar virar Marx pelo avesso, não é exatamente algo novo. Partilha, como seus numerosos antecessores, da decisão de suprimir todos os problemas da base econômica, e do intuito idealista de minimizar a luta de classes no azul celeste de um vago humanismo. Tal e qual um novo Rousseau – débil reflexo, como todas as cópias – proclama o evangelho dos novos primitivos, convidando à volta a uma existência tribal pré-histórica na “aldeia global”, se bem que em um nível mais elevado (ENZENSBERGER, 1978, p.116).

É necessário, ao pesquisar, que possamos compreender o espírito do tempo com o qual estamos lidando. E nesse exercício, cabe imaginar o quão complicado pode ter sido a prática da análise não-marxista perante certos círculos acadêmicos das décadas de 1960 e 1970, ainda mais quando empreendida por um anti-comunista declarado, um cristão convicto. Assim, difícil é conceber razão outra, que não a ideologia, para a desqualificação pura e simples – o recurso ao *argumentum ad personam* de que nos falou Schopenhauer – a que se entrega Enzensberger em relação ao acadêmico canadense. McLuhan? Ventríloquo, charlatão, um autor “a quem faltam todas as categorias para a compreensão dos processos sociais” (ENZENSBERGER, 1978, p.116). Suas ideias? Imaginações às quais não vale a pena atentar, provocadoras idiotices.

Mas se tais “críticas” não vão muito além de uma amostra grátis de ideologia destilada, muito mais interessante é a fala de Régis Debray, produzida duas décadas depois – já na era posterior à derrocada dos regimes totalitários da chamada “Cortina de Ferro”, portanto, e com a Internet funcionando a pleno vapor. Sendo oriundo do mesmo extremo do espectro político que seu predecessor Enzensberger, Debray pretendeu-se o criador da disciplina “midiologia”, cujas bases ele lança em seu livro “Manifestos midiológicos”, originalmente publicado em 1994. Neste “manifesto”, em um trecho intitulado “*Medium is message: crítica de uma crítica*”, tece o francês suas considerações sobre McLuhan, alguém sem credibilidade, um “profeta-impostor, trapalhão e fanfarrão”, desprovido de seriedade ou dignidade científicas, cuja tese central não passa de uma “bobagem fecunda”, sobre a qual conclui:

A midiologia – que, não sem motivo, não a inventou – gostaria somente de acuá-la em seus redutos, dando-lhe conteúdo, simultaneamente, razoável e radical. Pensar nos extremos, enunciando teses-limite – segundo a manifestação maquiavélica – nem sempre impede de pensar acertadamente (DEBRAY, 1995, p.96).

O excerto acima quer dizer, em outras palavras, que se a midiologia – ou o próprio Debray, por metonímia – não chegou à mesma conclusão que McLuhan, então o “canadense que desconhece Saussure” estava errado, merecendo, por isso, ter suas ideias acuadas “em seus redutos”.

O leitor de *Manifestos midiológicos* passa a crer que, findas as diatribes, o articulista se dedicará a justificar teoricamente suas objeções quando ele, aparentemente, passa a se socorrer em Umberto Eco. Quem pensa-se, porém, que Debray vai recorrer a elementos da semiologia para efetivar uma análise minimamente consistente, logo percebe qual é o verdadeiro alvo do artigo: McLuhan, um genial fantasista e poeta em prosa, cujo conceito de “meio” não passa do andar térreo, serve, para a midiologia, somente como excipiente para mais uma crítica de inspiração “apocalíptica”<sup>12</sup> ao semiólogo italiano.

Mas se Enzensberger e Debray não se deram sequer ao trabalho de esmiuçar o pensamento de McLuhan, encontramos essa tentativa em Sidney Finkelstein, que produziu, nesse mister, nada menos do que um livro inteiro, intitulado *Sense and nonsense of McLuhan*. Neste ensaio, publicado originalmente em 1968, nos Estados Unidos da América, o autor

---

<sup>12</sup> O termo refere-se ao livro “Apocalípticos e Integrados”, publicado por Eco em 1964, no qual discorre sobre aqueles que criticavam os meios de massa por considerá-los danosos aos valores culturais, os “apocalípticos”, assim como aqueles que se rendiam de forma irrestrita aos valores “democráticos”, os “integrados”, entre os quais relaciona McLuhan.

dedica-se a “pulverizar”<sup>13</sup> os conceitos erigidos pelo pensador da universidade de Toronto. Devemos reconhecer que avaliar tal obra após passadas mais de quatro décadas, à luz da História e principalmente da contemporaneidade, torná-la-ia uma presa fácil, se o intuito fosse fazer, como diria Debray, a “crítica da crítica”. Argumentos como a fantasiosa ideia de que as revoluções seriam levadas a cabo pela massa de camponeses e operários ignorantes, e não pelos seus líderes letrados (FINKELSTEIN, 1969, p.22), por exemplo, permeiam sua fala ao longo de toda a obra. Pode-se observar até mesmo um certo ressentimento, expresso na acusação de que McLuhan exprimia “piedade” ao escrever sobre Marx. Diz o ensaísta: “Muitas das teorias de McLuhan parecem teorias de Marx refletidas num espelho deformante” (FINKELSTEIN, 1969, p.22).

Trata-se o libreto de mais um manifesto doutrinário, de cores bastante definidas. No entanto, ainda podemos obter ali nossa mais-valia, pois Finkelstein, de fato, imprime menos insultos por centímetro linear do que seus camaradas Enzensberger e Debray. Entre uma e outra recaída, além de um ou outro aspecto filosófico relevante, podemos apreciar referências muito pertinentes àquela que se tornaria a mais forte crítica a McLuhan: “determinismo tecnológico”. Ou, em outros termos, a prevalência de uma abordagem voltada para os efeitos da máquina, da ferramenta, do objeto ou do meio – enfim, da tecnologia – em detrimento de uma perspectiva social ou humanística.

Finkelstein afirma que McLuhan despreza toda a consequência da atividade criativa do ser humano ao longo da história, demonstrando desinteresse pelo modo como o conhecimento científico e a técnica se desenvolveram, dando realce apenas a seus impactos sobre o homem. A este, impotente perante aquela, caberia apenas conformar-se alegremente com o inevitável (FINKELSTEIN, 1969, p.25). Argumenta ainda alertando para um certo “fatalismo prático” de McLuhan, exposto na ideia de que seria inútil lutar contra a mudança operada em nós, quer queiramos ou não, pelos meios de comunicação. E denuncia a promessa de um futuro auspicioso, sob a égide das mídias, encontrado na ideia do “tribalismo global” (FINKELSTEIN, 1969, p.106).

Este último aspecto evoca outro questionamento, que diz respeito a um suposto totalitarismo revelado em McLuhan. O ensaísta afirma que o mundo futuro descrito pelo canadense seria “um bálsamo para os corações lacerados” de sua época (FINKELSTEIN, 1969, p.177). De fato, podemos encontrar algumas passagens orwellianas nos escritos do canadense sobre meios “quentes” e “frios”:

---

<sup>13</sup> Segundo o tradutor para o português, Nathanael Caixeiro, que intitulou a obra como *McLuhan: a filosofia da insensatez*, Finkelstein teria pulverizado as teses de McLuhan, assim como os sofismas delas decorrentes.

Não há dúvida de que estamos chegando bastante próximos de um mundo controlado automaticamente, a ponto de podermos dizer: “Menos seis horas de rádio na Indonésia, na próxima semana, senão haverá uma grande queda no índice de atenção literária.” Ou: “Programemos vinte horas mais de TV na África do Sul, na próxima semana, para esfriar a temperatura tribal, elevada pelo rádio na última semana.” Culturas inteiras podem agora ser programadas, no sentido de que seu clima emocional se mantenha estável, assim como já começamos a saber alguma coisa sobre a manutenção do equilíbrio nas economias comerciais do mundo (McLUHAN, 2017, p.44).

Finkelstein reconhece que a ideia de uma ditadura dos meios sobre o homem poderia ser “uma piada de mau gosto” de McLuhan (FINKELSTEIN, 1969, p.129). Mas talvez sequer pudesse imaginar que sua crítica se materializaria na ficção, em inúmeras produções para o cinema ou para a televisão, como o cultuado *2001: A Space Odyssey*, contemporâneo de seu ensaio, ou mais recentemente a franquia *Terminator*, uma sequência de *blockbusters* que fez a fama, a fortuna e a carreira política conservadora de seu astro protagonista. De qualquer forma, aquelas suas objeções, que poderíamos classificar como relativas ao determinismo tecnológico, podem-se resumir no seguinte excerto:

McLuhan poderia ter escrito um livro útil caso tivesse se dedicado a uma avaliação honesta e sobra da televisão, com suas contribuições, potencialidades e limitações especiais, e até ignorando uma estrutura e ligações econômicas, tratando unicamente como meio de comunicação ou expressão, ou como “extensão dos sentidos”. A TV tem seu lugar no cenário cultura e educacional e pode fazer uma contribuição valiosa. Em vez disto, ele a louva em termos sensacionais como a revolução que libertará a raça humana, quer ela deseje ser libertada ou não, e que deve “derrubar” todos os “meios de comunicação” anteriores (FINKELSTEIN, 1969, p.106).

O trecho acima traz à baila, também, outro aspecto, que transparece nas críticas desses autores citados: a questão metodológica. Debray, por exemplo, considera que as teorias de McLuhan têm fraca consistência interna, constituindo um modelo de “obra aberta”. São “vaticinações inverificáveis, elucubrações não demonstradas, generalizações abusivas” (DEBRAY, 1995, p.95). Já Enzensberger diz que o discernimento de McLuhan acerca dos meios de comunicação é algo intuitivo, pois seria ele “incapaz de formular qualquer teoria” (ENZENSBERGER, 1978, p.116).

Também ao adotar essa abordagem, Finkelstein foi mais profícuo. Argumenta ele que parte considerável das hipóteses mcluhanianas teriam origem em teorias pseudo-científicas surgidas na década de 1930, relativas a certas formas de arte não objetiva (FINKELSTEIN, 1969, p.109). Vale destaque, também, a crítica a uma artimanha usada por McLuhan, que consiste em evocar, através do recurso à citação, autoridades renomadas em diversos assuntos, sem que tais citações, contudo, confirmem suas ideias. Em verdade, como alega Finkelstein,

toda sorte de sumidades desfila, por exemplo, ao longo de *A galáxia de Gutemberg*, que conta, também, como “impressionante bibliografia”. Forçoso é, no entanto, aquiescer com o crítico quando diz que tais citações não provam absolutamente nada (FINKELSTEIN, 1969, p.130).

Conclui ele:

O desprezo pelo público demonstrado pelo mau uso que McLuhan faz das citações é mais uma manifestação das restrições que faz ao espírito humano, à flexibilidade humana, à criatividade humana, e ao desejo de liberdade humano, restrições estas que aparecem em toda a visão da história de McLuhan e seu modo de encarar o presente (FINKELSTEIN, 1969, p.106).

Como se vê, nem só de ataques *ad personam* consistiriam as contestações. Outro exemplo encontramos em *História social das mídias*, onde Asa Briggs e Peter Burke fazem a crítica ao pensamento daquele que consideram mais um comentarista do que um analista. Suas restrições dizem respeito exatamente ao que é o ponto principal da argumentação de McLuhan, que é a premissa segundo a qual as características intrínsecas dos meios – que McLuhan chama de “valores” – se sobrepõem aos conteúdos e mensagens por eles veiculados. Além disso, na visão desses analistas, o filósofo canadense teria desconsiderado as diversidades nacionais e sociais, que afetariam a própria forma de apresentação dos meios. Segundo Briggs e Burke, ao elaborar sua ideia de uma aldeia global, McLuhan teria sido influenciado pelas tradições e experiências típicas do Canadá, seu país natal (BRIGGS e BURKE, 2004, p.243).

No mesmo âmbito da crítica metodológica, embora em palavras bem mais elegantes, surge Umberto Eco, para quem a técnica da não-definição dos termos, adotada por McLuhan, é a causadora da grande popularidade alcançada por suas hipóteses (ECO, 1984, p.307). Para ele, o canadense avança frequentemente sobre os reinos do inverificável e do imponderável, deixando “desconfiados” seus críticos, quando vale-se das opiniões do senso comum mesmo sabendo que são falsas. Exemplifica o semiólogo:

McLuhan sabe que um cérebro eletrônico executa muitíssimas operações em velocidade instantânea num único segundo, mas sabe também que esse fato não lhe pode permitir afirmar que a “sincronização instantânea de numerosas operações pôs fim ao velho esquema mecânico de disposição das operações numa sequência linear”; de fato, a programação de um cérebro eletrônico consiste justamente na predisposição de sequências lineares de operações lógicas decompostas em sinais binários, se existe algo de pouco tribal, envolvente, policêntrico, alucinatório e não-gutemberguiano, é justamente o trabalho do programador. Não se pode tirar proveito da ingenuidade do humanista médio, que conhece o cérebro eletrônico apenas pelos livros de ficção científica (ECO, 1984, p.307).

Eco levanta outra questão, relativa à prática argumentativa do canadense. Segundo ele, para cada afirmação que faz, McLuhan alinha uma outra, de caráter oposto, dando tanto uma

quanto outra como aceitáveis no mesmo contexto. Essa “técnica”, diz Eco, seria capaz de oferecer argumentos válidos para toda sorte de apocalípticos e de integrados, fosse o leitor um comunista chinês ou um teórico neocapitalista (ECO, 1984, p.299). Ao esgrimir seus aforismos, defende ainda o italiano, McLuhan estaria chamando o leitor a “participar” do desenvolvimento da ideia, valendo-se de um truque metodológico que consiste em elencar frases que aparentam estar soltas, mas, na verdade, estão encadeadas por conectores “invisíveis”, embora logicamente presumíveis. Um encadeamento linear, guttemberguiano, totalmente na contra-mão do que defende em suas teses, através do qual criaria no leitor a ilusão da participação.

Mas o que alguns desses críticos citados – entre os quais não incluímos Eco – parecem não perceber é que o pensamento de McLuhan foi calcado na crítica daquilo que chama de “homem guttemberguiano”, que, segundo ele, foi moldado pela tipografia em um ser linear e fragmentado. A forma como expressou suas hipóteses precisa, portanto, ser considerada como elemento estruturante de sua atitude científica. Eco dá indicações de perceber esse aspecto ao afirmar que a técnica de argumentação adotada por McLuhan, baseada na produção de aforismos e não de silogismos, “corresponde perfeitamente ao novo universo a que somos convidados a nos integrar” (ECO, 1984, p.299).

No sentido de tentar compreender essa forma de argumentar, vale revisitar o que propunha Paul Feyerabend em seu libelo *Contra o método*. Publicada em meados da década de 70, essa obra defende uma certa “anarquia das ciências”, representada pela ideia de que, no que se refere à metodologia para a produção científica, tudo é válido. O filósofo austríaco defendeu, ali, que as metodologias das ciências até então propostas haviam sido incapazes de fornecer suporte normativo adequado para conduzir a atividade científica.

A despeito das divergências ideológicas extremadas – Feyerabend também se alinhava politicamente à esquerda – soa-nos estranho que o autor não tenha feito referências a McLuhan, pois as obras de um e de outro, mesmo tratando de temas distintos, têm destacados pontos em comum. A começar por uma nada científica “arrogância conceitual”, representada pela convicção, demonstrada por ambos em variadas passagens de seus escritos, de que todos os que pensam diferentemente estariam em um nível abaixo, intelectual ou moralmente. São diversos os momentos em que tal sentimento se expressa em McLuhan, como é exemplo a afirmação segundo a qual seria possível encontrar pessoas “altamente educadas, incapazes de perceber que somente em termos fonéticos o homem letrado vive num espaço ‘racional’ ou ‘pictórico”” (McLUHAN, 1971, p.7). Paul Feyerabend, por sua vez, afirma:

Os que tomam do rico material da história, sem a preocupação de empobrecê-lo para agradar a seus baixos instintos, a seu anseio de segurança intelectual (que se manifesta como desejo de clareza, precisão, ‘objetividade’, ‘verdade’), esses veem claro que só há um princípio que pode ser defendido em *todas* as circunstâncias e em *todos* os estágios do desenvolvimento humano. É o princípio: *tudo vale* (FEYERABEND, 1977, p.34).

O paralelo se revela novamente quando analisamos o apelo às citações que justificam mas não explicam, aquele aspecto denunciado por Finkelstein em McLuhan e que encontramos no discurso contra o método de Feyerabend. Neste, podemos constatar a “técnica” no recurso a diversos filósofos muito caros ao pensamento marxista, que tem suas palavras reproduzidas logo nas primeiras páginas, quando o autor expressa a convicção de que o anarquismo, embora não lhe atraia politicamente, “é, por certo, excelente remédio para a epistemologia e para a filosofia da ciência”. A razão para isso – diz ele – não é difícil de apontar, mas para fazê-lo, contará com a ajuda de Lenin (FEYERABEND, 1977, p.19). Logo em seguida, para justificar a ideia de que em ciência, “tudo vale”, vale-se de Marcuse e Hegel (FEYERABEND, 1977, p.34).

No entanto, essas “semelhanças” são apenas, como já afirmamos, um paralelo entre a atitude científica dos dois autores. Encontramos, por outro lado, um aspecto muito mais relevante, que aparece quando buscamos confrontar os “demônios” de McLuhan e Feyerabend, materializados respectivamente nas figuras da tipografia e das metodologias científicas. Ora, as ciências – ou as epistemologias – são filhas diletas do modo de pensar classificado por McLuhan como “gutemberguiano”. Mas, o que seria um método, se não uma sequência linear de passos a serem seguidos? O que seria uma metodologia se não a especialização, a fragmentação do conhecimento? Diante de suas obras, seja pelo formato, pelo conteúdo ou pelo “anti-método”, McLuhan configura-se, em nosso entendimento, no protótipo do “cientista anárquico” idealizado por Paul Feyerabend.

A despeito dessas conjecturas, um outro aspecto precisa, ao nosso ver, ser considerado. Trata-se da constatação que nos traz Umberto Eco, de que os integrados, em essência, pensam exatamente como os apocalípticos. O polemista parte de uma percepção, que, afirma ele, já seria não apenas dos estudiosos do tema, mas também do público em geral, a respeito de algo que sugerira McLuhan: “a informação não é mais um instrumento para produzir bens econômicos, mas tornou-se ele próprio o principal dos bens” (ECO, 1984, p.165). Diz ele que, diante do perspectiva de uma rede de comunicação de âmbito planetário, controlada pelos que detêm o poder econômico e regida pelas leis de mercado, o conteúdo das mensagens dependerão

muito mais das determinações técnicas e sociológicas dos meios do que de uma hipotética liberdade de quem escreve (ECO, 1984, p.166).

Essa percepção seria a base de um discurso conhecido, propagado por aqueles a quem Eco considera “os mais rigorosos críticos da cultura de massa”, os apocalípticos. Para tais críticos, o conteúdo, ou a natureza das informações que trafegam por toda a rede de meios de comunicações, deixa de ter importância à medida que o receptor – o cidadão, em suma – é soterrado por uma avalanche informacional, que nivela e elimina as diferenças entre as mensagens. Em resumo, “os meios de massa não veiculam ideologia: são eles próprios uma ideologia” (ECO, 1984, p.166).

Mas, como bem observa o semiólogo, não era exatamente isso que dizia McLuhan? Tomemos a expressão “ideologia” por “mensagem”. Não é difícil fazê-lo se pensarmos em ideologia como uma doutrina a ser difundida, uma visão de mundo a ser transmitida. Assim, ao substituirmos, no bordão apocalíptico, o termo ideologia por mensagem, teremos que “os meios de comunicação de massa não veiculam mensagens: são eles próprios uma mensagem”. Ou, em palavras muito mais próprias aos integrados, “o meio é a mensagem”.

O argumento de Eco, acreditamos, é bastante contundente. Não se trata, obviamente, de afirmar que Marshall McLuhan é um “reflexo deformado” de Marx, mas sim da configuração de um dos piores pesadelos teóricos que poderia assombrar um apocalíptico enraizado na crítica frankfurtiana<sup>14</sup>: a ideia de que sua filosofia possa ser algo diferente, ou menos nobre do que o total oposto do que pensam os integrados. Mas para Eco, o que diferencia um e outro, no que diz respeito ao meio ser a mensagem e, ao mesmo tempo, a ideologia, é a seguinte antítese: para apocalípticos, “quando triunfam os meios de massa, o homem morre”; para McLuhan, o integrado-mor, o que se acaba é o homem guttemberguiano, que morre para o nascimento de um novo homem (ECO, 1984, 167).

Seguindo na mesma linha de Eco, encontramos uma passagem de Finkelstein, que nos dá mostras de como um mesmo raciocínio pode levar a conclusões radicalmente opostas e também nos conduz a pistas sobre os motivos. Falamos da análise acerca da hipótese do “espaço euclidiano” (FINKELSTEIN, 1969, P.26). Para refutar McLuhan, o autor discorre sobre a invenção da lança e do arco-e-flexa, que teria ensejado a caça e o combate à distância. Assim, surgiram novas realidades relativas à conquista, manutenção e controle do território, levando à

---

<sup>14</sup> O termo refere-se à “Escola de Frankfurt”, linha de pensamento de origem marxista, encabeçada por Theodor Adorno e Max Horkheimer, profundamente crítica da cultura de massas e da chamada “indústria cultural”.

criação das fortificações e de outros edifícios. Ou seja, a criação de uma tecnologia provocou uma mudança profunda na forma de organização social. Como diria McLuhan, para quem qualquer tecnologia seria um meio, a “mensagem” da lança e do arco-e-flecha seria a reorganização, em novos padrões, das estratégias de defesa das antigas civilizações, ainda que, como argumenta Finkelstein, nada se deva, nessa mudança, à existência de um meio “de comunicação”, como o alfabeto, por exemplo. Para este crítico, as mudanças na organização social é que propiciam as condições adequadas ao uso de novas tecnologias. Somente então, dadas essas condições ideais, uma nova tecnologia pode sobressair e operar mudanças na organização sócia, que, por sua vez, ensejará o uso de novas tecnologias. Configura-se, claramente, um “paradoxo Tostines”<sup>15</sup>, que acaba por escamotear o que seriam, a nosso ver, as verdadeiras objeções do crítico, que se expõem aqui:

McLuhan, evidentemente, opõe-se com vigor a tal modo de pensar, porque isto iria se chocar contra toda a sua teoria da “revolução” da televisão moderna, juntamente com computadores e automatização. Poder-se-ia pensar que os problemas que essas “comunicações” suscitam são pelo menos em parte devido à espécie de instituições lucrativas que delas se valerem e que as empregam. McLuhan vai frontalmente contra essa ideia. “A comunicação é a mensagem”, a transformadora do ambiente, a transformadora dos sentidos (FINKELSTEIN, 1969, p.30).

É certo que se nenhum dos autores envolvidos nessa contenda estaria imune à sua própria ideologia política, assim também não se daria com Eco. Pelo contrário, em mais de uma passagem o semiólogo deixa transparecer sua condição de mordaz crítico das forças do mercado. Esse alinhamento, porém, – é o que gostaríamos de ressaltar – não implica em que deixe de fazer uma análise minimamente desprovida de paixões “clubísticas”. No sentido de uma abordagem mais científica que doutrinária, encontramos em Eco uma linha de contestação às formas de pensar de McLuhan e de Finkelstein, representantes, um e outro, das correntes integrada e apocalíptica. Para Eco, a questão a que se deve entregar o pesquisador em comunicação diz respeito, sim, à natureza de cada ato comunicativo. Apocalípticos e integrados, no que se refere ao conteúdo da mensagem, pensam da mesma forma, e estão ambos errados, pois ao receptor da informação restaria, ainda, a liberdade de lê-la – e interpretá-la – de uma forma diferente (ECO, 1984, p.168). Não sem deixar transparecer os vestígios de um calculado otimismo, conclui o autor:

---

<sup>15</sup> Chamamos de “paradoxo Tostines” àquele tipo de debate estéril que aborda problemas do tipo “a bolacha vende mais por ser fresca ou é fresca porque vende mais?”, dilema oriundo de um comercial de TV.

Naturalmente, existem educadores que manifestam um otimismo mais simples, de tipo iluminista: eles têm firme confiança no poder do conteúdo da mensagem. Eles acreditam ser possível operar uma transformação das consciências transformando as transmissões televisivas, a cota de verdade no anúncio publicitário, a exatidão da notícia na coluna de jornal (ECO, 1984, p.167).

Também no âmbito da semiologia, disciplina que o celebrou como cientista, Eco contrapõe-se às ideias de McLuhan, cujo raciocínio considera “dominado por uma série de equívocos gravíssimos” para quem se pretende um teórico da comunicação (ECO, 1984, p.303). Eco lembra que a cadeia comunicativa pressupõe um “emissor”, que codifica a “mensagem” e emite um “sinal” através de um “canal”, no fim do qual, de posse do “código”, o “receptor” recompõe a mensagem. O principal dos equívocos de McLuhan seria a falha em estabelecer as diferenças entre os elementos “canal”, “código” e “mensagem”:

Grande parte das teses de Marshall McLuhan acerca da natureza dos mídias, por exemplo, deriva do fato de ele chamar “mídias”, em geral, aos fenômenos que ora são redutíveis ao Canal, ora ao Código, ora à forma da mensagem (ECO, 1984, p.169).

Ao dizer que uma estrada e o alfabeto são meios, McLuhan estaria confundindo um canal – a estrada – com um código – o alfabeto. Da mesma forma, ao referir-se à luz como um meio, não teria se dado conta de que, nesse âmbito, a palavra tem ao menos três acepções: um sinal de informação, uma mensagem em código ou um canal para a viagem de uma informação visual.

Os méritos epistemológico e filosófico de cada uma dessas críticas são aspectos que cabe a cada analista relevar ou não. Mas consideramos importante destacar que observamos na crítica de Eco uma severidade científica que não pudemos constatar em outros autores visitados, mesmo naqueles que denunciaram em McLuhan a falta dessa mesma qualidade. Da mesma forma, verifica-se em Eco uma capacidade de, sem abrir mão da mordacidade, sublimar a ideologia, entendida esta em uma acepção que se aproxima da “doutrina que, quando hegemônica, cega o cientista”. Somente tendo exercitado essa qualidade pode ele detectar a importância do pensamento de McLuhan, como podemos verificar a seguir:

Não muito tempo atrás, se quisessem tomar o poder político num país, era suficiente controlar o exército e a polícia. Hoje é somente nos países subdesenvolvidos que os generais fascistas, para dar um golpe de Estado, usam ainda os tanques. Basta que um país tenha alcançado um alto nível de industrialização para que o panorama mude completamente: no dia seguinte à queda de Krushev os diretores do *Pravda*, do *Izvestia* e das cadeias radiotelevisivas foram substituídos; nenhum movimento do exército. Hoje um país pertence a quem controla os meios de comunicação (ECO, 1984, p.165).

Entendemos este como um diagnóstico preciso, talvez refutável em sua época, mas para academia de hoje, mais que uma constatação, um pressuposto. Passaram-se, pois, cinco décadas desde que a maioria dessas críticas foi lançada contra o filósofo, tempo ao longo do qual, sob a acusação de “determinismo tecnológico”, seus conceitos repousaram no limbo acadêmico, tornando-se, por conta de um então hegemônico “determinismo ideológico”, um “capítulo perdido, o pensamento exótico” da pesquisa em comunicação, “alguém para o qual não valia o esforço de olhar ou entender” (SOUSA; CURVELLO; RUSSI, 2012, p.4). Mas a História, que tantos insistem em tanto desprezar, viria a redimir o profeta aldeão.

## O retorno do aldeão

É justamente do ambiente acadêmico, de onde foram banidas por meio século, que, podemos observar, surge um movimento que busca revisitar as ideias do filósofo canadense no campo da comunicação. É possível que essa revalorização tenha sido motivada, em parte, pela comemoração de seu primeiro centenário, ocorrida em 2011. Esse seria o caso, por exemplo, da coletânea *100 anos de McLuhan*, organizada pelos professores Janara Sousa, João Curvello e Pedro Russi (SOUSA; CURVELLO; RUSSI, 2012). Essa coletânea é tida como resultado das apresentações realizadas durante um seminário promovido em 2011 pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Ali pode-se ler:

As comemorações do centenário de McLuhan, no ano de 2011, deixaram claras as provas do respeito e da importância seminal do pensamento do autor para a pesquisa em Comunicação e de que nem tudo estava tão claro como foi pretendido, dessa forma, a sorte não estava lançada. Diversos países do mundo programaram eventos para celebrar o aniversário do autor, aprofundar o debate sobre sua obra e, claro, construir mais material de estudos sobre o tema. O reconhecimento da obra do teórico, desde a popularização da Internet, torna evidente a capacidade desse pensamento distinto e peculiar de resistir ao tempo e continuar podendo explicar fenômenos que acontecem tempos depois da morte desse destacado pensador (SOUSA; CURVELLO; RUSSI, 2012, p.4).

Em verdade, essa retomada pode ser detectada desde a década de 1990. Por ocasião da chegada da Web ao grande público, o filósofo francês Pierre Lévy, ao conceituar a “cibercultura” e “inteligência coletiva”, discutiu diversos temas no âmbito da comunicação e da técnica e, embora com conclusões distintas, valeu-se de abordagens muito próximas daquelas adotadas por seu predecessor canadense. Lévy, professor da Universidade de Paris e um dos mais importantes estudiosos das mídias na atualidade, defende que deve-se “conceder a McLuhan o mérito de ter descrito, pela primeira vez, o caráter das sociedades midiáticas” (LÉVY, 2000, p.116). A questão do determinismo tecnológico é bom exemplo de um tema discutido por ambos, pois para fazê-lo, Lévy retoma o momento da história de que falou McLuhan em *Guerra e paz na aldeia global*: a invenção do estribo como determinante do surgimento do feudalismo na Europa.

Para Lévy, é fato que a invenção do estribo permitiu o surgimento de uma casta de cavaleiros combatentes, em torno da qual se formaram as estruturas sociais e políticas feudais. No entanto, o estribo não seria a “causa” do feudalismo, mas sim seu “condicionante”. Sem o estribo, afirma ele, não teriam existido os cavaleiros montados, protegidos por pesadas

armaduras: “o estribo condiciona efetivamente toda a cavalaria e, indiretamente, todo o feudalismo, mas não os determina” (LÉVY, 2000, p.25), pois não pode-se pensar em uma causa apenas para um fenômeno social do porte e importância atribuídos ao sistema feudal. Embora sem citar o filósofo canadense, Levy acaba por contestar suas afirmações, ao mesmo tempo em que corrobora o argumento contrário ao determinismo tecnológico, trazendo, por sua vez, a ideia de um “condicionamento tecnológico”. E complementa, para desagrado dos mcluhanianos:

A prensa de Gutemberg não determinou a crise da Reforma, nem o desenvolvimento da moderna ciência europeia, tampouco o crescimento dos ideais iluministas e a força crescente da opinião pública no século XVIII – apenas condicionou-as. Contentou-se em fornecer uma parte indispensável do ambiente global no qual essas formas culturais surgiram. Se, para uma filosofia mecanicista intransigente, um efeito é determinado por suas causas e poderia ser deduzido a partir delas, o simples bom senso sugere que os fenômenos culturais e sociais não obedecem a esse esquema. A multiplicidade dos fatores e dos agentes proíbe qualquer cálculo de efeitos deterministas. Além disso, todos os fatores “objetivos” nunca são nada além de condições a serem interpretadas, vindas de pessoas e de coletivos capazes de uma invenção radical (LEVY, 2000, p.26).

Levy discute também o aspecto da valoração intrínseca de um objeto, conceito que é muito caro a McLuhan. Para ele, uma técnica – aquilo que o filósofo canadense chamaria de “meio” – não é boa, nem má, pois tais conceitos dependem do ponto de vista de quem usa a técnica. Muito menos, ainda, pode ser neutra, posto que tem efeitos sobre a sociedade. Argumenta, assim, que não seria o caso de avaliar seus impactos, mas sim as consequências às quais seu uso nos levaria. É novamente uma contestação implícita a McLuhan, cujo argumento é juntamente o oposto, como fica claro na crítica que faz ao General David Sarnoff. Este declarara, durante uma conferência, não serem os produtos da ciência nem bons nem maus em si mesmos, ao contrário daqueles indivíduos que os manejam. McLuhan ataca a fala de seu contendor, comparando-a a uma afirmação hipotética: “uma torta de maçãs, em si mesma, não é boa nem má; o seu valor depende do modo com que é utilizada”. Sobre a opinião do General, McLuhan vaticina:

Na afirmação de Sarnoff praticamente nada resiste à análise, pois ela ignora a natureza do meio, dos meios em geral e de qualquer meio em particular, bem no estilo narcisístico de alguém que se sente hipnotizado pela amputação e extensão de seu próprio ser numa forma técnica nova (McLUHAN, 2012, p.25).

Mas o filósofo francês aborda ainda outro tema que nos remete aos escritos de McLuhan. Falamos, aqui, de sua definição para o “ciberespaço”, ou seja, “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”

(LÉVY, 2000, p.92). Este conceito evoca o aldeão em diversos momentos de suas obras, como é exemplo o que segue:

O sistema de circuitos elétricos entrelaça os homens uns com os outros. As informações despencam sobre nós, instantaneamente e continuamente. Tão pronto se adquire um novo conhecimento, este é rapidamente substituído por informação ainda mais recente. Nosso mundo, eletricamente configurado, forçou-nos a abandonar o hábito de dados classificados para usar o sistema de identificação de padrões. Não podemos mais construir em série, bloco por bloco, passo a passo, porque a comunicação instantânea garante que todos os fatores ambientais e de experiência coexistem num estado de ativa interação (McLUHAN, 1969, p.91).

Para concluir, sem deixar dúvidas, a tarefa de demonstrar a influência de McLuhan sobre Lévy, basta-nos cotejar o excerto acima com o que diz o professor francês:

Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século (LÉVY, 2000, p.93).

Acreditamos que essa releitura de McLuhan dê-se principalmente em função do “furacão comunicacional” em que se transformou o crescimento vertiginoso da ferramenta “rede mundial de computadores”, alçada à condição de mais importante meio de comunicação do planeta. Mas a criação, nesse âmbito, da comunicação interpessoal em rede, que culmina hoje nas chamadas “mídias sociais”, traz à tona, com força, as ideias de “meios como extensões do homem” e de “meio como mensagem”, mas também, e destacadamente, a possibilidade da configuração de uma “aldeia global”. Exemplar nesse sentido é o artigo em que Alberto Salarelli analisa o capítulo final de *Understanding media*. Diz ali o autor:

Há alguns anos, com efeito, um “renascimento McLuhan”, como o definiu Gary Genosko (2005), está, finalmente, libertando a visão do mundo do grande pensador canadense e de toda a escola de Toronto daquele gueto em que boa parte da academia a tinha, apressadamente, relegada sob o rótulo de determinismo tecnológico. Um rótulo infamante, para muitos sociólogos das mídias mas, principalmente, injusto em relação às brilhantes intuições mcluhanianas, hoje evidentemente cada vez mais essenciais para entender a realidade da economia de mercado pós moderna, na qual prevalece o valor de troca (num primeiro momento, pois lidamos com uma economia informacional) sobre o valor de uso (SALARELLI, 2011, p.3-4).

Vale observar que essa revalorização dos conceitos mcluhanianos se faz acompanhar de uma certa aura mística. O que se percebe no destaque acima é a crença na possibilidade de ter o filósofo canadense previsto a comunicação em rede, assim como a conhecemos na atualidade, já em 1964, ou seja, numa época em que os computadores tinham as dimensões de um carro

popular, mas não eram capazes de realizar pequena parte do que faz o dispositivo de 200 gramas que hoje levamos no bolso. Um visionário, portanto, conforme sugere Salarelli (2011, p. 7) ao afirmar que a argúcia de McLuhan se encontra em “ter oferecido uma primeira visão na íntegra” do que considera uma revolução avassaladora, genitora de um mundo novo no qual, sob a égide daquela, a humanidade precisa reaprender a viver. Salarelli (2011) destaca, ainda, o que considera uma intuição mcluhaniana:

Um dos principais aspectos da era elétrica é que ela estabelece uma rede global que tem muito do caráter de nossos sistema nervoso central. Nosso sistema nervoso central não é apenas uma rede elétrica; constitui um campo único e unificado da experiência (McLUHAN, 2012, p. 390).

De fato, pode-se detectar, no capítulo analisado pelo Professor da Universidade de Parma, certas passagens passíveis de serem interpretadas como um momento de antevisão. McLuhan afirma, por exemplo, que com a eletricidade, todos os aspectos de uma sociedade estão sujeitos à comunicação. “A própria ideia de comunicação como inter-relação”, diz ele, “é inerente ao elétrico, que combina a energia e a informação em sua multiplicidade concentrada” (McLUHAN, 2012, p. 397). No entanto, não encontramos ali, e nem em outros escritos pesquisados, o momento em que McLuhan tenha antevisto a Internet. No máximo, e não mais do que isso, pudemos detectar alguns indícios de que ele tivesse certa noção da possibilidade de implementação de redes de computadores. Muito menos, ainda, referências à possibilidade de se carregar, como extensão de seu próprio corpo, um telefone “inteligente” capaz de conectar cada ser humano vivente ao resto do universo conhecido, assim como vivenciamos nos dias de hoje.

Nossa convicção, porém, não é compartilhada por muitos analistas contemporâneos do fenômeno Internet. Um deles é o teórico da mídia inglês Richard Barbrook, cuja abordagem chega a nos causar estranheza. Em seus escritos, a exaltação mística alcança o paroxismo, na forma de afirmações que dão como fato que McLuhan teria previsto o surgimento da Internet. Verdadeiramente, Barbrook, um ciberativista que se proclama um “trabalhador esquerdista”, parece ter lido uma versão “para colorir” de *Understanding media*. Segundo ele, com o lançamento do livro, em 1964, “qualquer pessoa inteligente estaria apta a falar sobre como a televisão, satélites, computadores e outras novas tecnologias transformaram radicalmente a sociedade estadunidense. O livro de McLuhan teria feito da teoria social algo divertido de ler (BARBROOK, 2009, p.109). Na visão de Barbrook, McLuhan havia previsto o surgimento da Internet cinco anos antes de sua criação, ou – diríamos nós – um quarto de século antes que a

rede mundial de computadores passasse a existir de fato. A comentar sobre essas impressões de Barbrook, somente que ele, definitivamente, não viu *Annie Hall*.

No campo oposto ao de Barbrook, no que respeita às qualidades intrínsecas da Internet, encontramos Nicholas Carr, que, embora não doure a pílula da profecia, também retoma a fala de McLuhan. Em seu caso, ao denunciar “o que a Internet está fazendo com nossos cérebros”, Carr lembra, em seu livro *A geração superficial*, que McLuhan havia antevisto o poder de transformar a sociedade, intrínseco às novas tecnologias de comunicação. O autor alerta para o fato de que os críticos e os entusiastas da Internet estão se limitando, como de costume, a discutir se o conteúdo é bom ou ruim, esquecendo-se todos de que, como disse o filósofo canadense, “no longo prazo o conteúdo do meio importa menos do que o próprio meio na influência sobre o nosso modo de pensar e agir” (CARR, 2011, p.13). E complementa, na mesma linha: essas mudanças, essa influência, operam em nossos cérebros sem que percebamos, sem que ofereçamos qualquer resistência.

Existe um segundo ponto de vista de Carr que se opõe ao que pensa Barbrook. Este crê na mística da antevisão de McLuhan sobre a Internet; aquele diz que nem mesmo o aldeão poderia ter previsto o que vivemos hoje (CARR, 2011, p.14). E as consequências disso, como, aliás, alertou insistentemente McLuhan, é uma alteração dos sentidos, nesse caso a função cerebral. A Internet é uma excelente ferramenta, diz Carr, mas cobra uma conta alta:

As dádivas são reais. Mas elas têm um preço. Como sugeriu McLuhan, os meios não são meramente canais de informação. Fornecem o material para o pensamento, mas também moldam o processo do pensamento. E o que a net parece estar fazendo é desbastar a minha capacidade de concentração e contemplação. Quer eu esteja on-line quer não, a minha mente agora espera receber informação do modo como a net a distribui: um fluxo de partículas em movimento veloz. Antigamente eu era um mergulhador em um mar de palavras. Agora deslizo sobre a superfície como um sujeito com um jet ski (CARR, 2011, p.19).

Na mesma linha de Carr encontramos Andrew Keen, outro crítico ferino das consequências do meio Internet sobre a sociedade. Para ele, McLuhan não teve confirmada sua “aldeia global”, pois o que se configura hoje, diante das “redes sociais”, é um “dormitório digital universal” (KEEN, 2012, p.59), no qual todos saberão de tudo sobre todos. Segundo Keen, os argumentos de McLuhan tornaram-se uma das crenças centrais do Vale do Silício, influenciando empreendedores de redes sociais como Mark Zuckerberg, do Facebook (KEEN, 2012, p.122). Curiosamente, sobre a questão do amadorismo, que também é abordada de forma ácida por Keen em seu livro *O culto do amador*, McLuhan disse, em uma espécie de louvação:

O profissionalismo é ambiental. O amadorismo é anti-ambiental. O profissionalismo funde o indivíduo em padrões de total acomodação ambiental. O amadorismo procura o desenvolvimento da consciência total do indivíduo e a consciência crítica das regras básicas da sociedade. As regras básicas fornecidas pela reação de massa de seus colegas servem como meio ambiente penetrante do qual ele extrai satisfação sem dele ter consciência. O “especialista” é o homem que fica parado. (McLUHAN, 1969, p.121).

O profissional é, pois, tipográfico; o amador, elétrico. O amador, critica enquanto o profissional é passivo. O profissionalismo é “quente”, o amadorismo, “frio”. O profissional é o homem antigo e o amador, o novo homem.

Não obstante as convicções sobre as premonições mcluhanianas, é preciso considerar que, embora saibamos ter sido apenas mais um aforismo típico do filósofo, mesmo a previsão de uma “aldeia global” não se configurou como havia ele descrito, ou seja, através da televisão. Se pretendemos acatar como fato uma suposta “previsão correta”, precisamos atribuir isso ao surgimento da Internet e, posteriormente, ao advento do telefone móvel, inteligente, o smartphone, que emula a extensão de um cérebro humano, conectando-o a outros milhões de cérebros através das redes sociais. Voltamos, para isso, ao professor Salarelli (2011, p. 6), que atribui a clarividência de McLuhan, no que diz respeito ao surgimento da Internet, ao fato de ter ele fornecido consultorias à IBM. Essa experiência teria lhe conferido conhecimento pleno sobre o potencial da indústria da informática, tanto no que se refere às inovações tecnológicas quanto aos “objetivos do mercado aos quais ela podia aspirar”.

De fato, a perspectiva da criação de redes de computadores já existia ao tempo em que publicou suas hipóteses. Como relata Manuel Castells (2003, p.13), importante estudioso de nossa sociedade midiaticizada, a seção do Departamento de Defesa norte-americano, conhecida como ARPA, que viria a desenvolver a Internet foi criada em 1958. Quatro anos depois, instalou-se ali um laboratório cujo objetivo era “estimular a pesquisa em computação interativa”. Em 1969, cinco anos após o lançamento de sua obra principal, e ao mesmo tempo em que publicava seus dois livros destinados a explicar o primeiro, era criada, com o nome de Arpanet, aquela que viria a se tornar nossa WWW. Admitindo que McLuhan, como consultor da IBM pudesse ter acesso a informações a respeito de tal projeto, e também sabendo do potencial miniaturizante dos circuitos integrados, é aceitável imaginar que pudesse ele intuir algo como uma rede de computadores. Daí a dizer que McLuhan previra a Internet...

É preciso reconhecer também que o filósofo canadense andou lançando algumas previsões bastante equivocadas. É o caso da afirmação de que a implementação de uma rede de satélites, propiciada pela tecnologia elétrica personificada pelos computadores, havia criado um novo ambiente “natural”, que em breve iria abranger “todo o sistema astral, mobilizando seus

recursos para o uso terrestre” (McLUHAN, 1970, p.36). Parece-nos desnecessário demonstrar que tal possibilidade não apenas foi superestimada como não se encontra nem mesmo em perspectiva.

O futuro das cidades, em especial o das metrópoles, também foi alvo de seus equívocos premonitórios. Para ele, as grandes cidades do futuro, libertadas do jugo das ferrovias, deixariam de ser “aglomerados de propriedades privadas”, não mais locais de moradia ou trabalho, mas sim megalópoles da informação, com significados inteiramente novos, gerados por condições de movimentação extremamente rápidas (McLUHAN, 1969, p.100). Para ele, New York estaria “desmantelada” em uma década, com seus cidadãos de volta à vida da terra e não haveria mais rodas nem estradas, somente transporte antigravitacional (McLUHAN, 1970, p.184).

Mas, como facilmente pode constatar qualquer cidadão megalopolitano de nossa aldeia azul, as cidades continuam sendo aglomerados de propriedades privadas. Na verdade, forçoso dizer, estão, a cada dia que passa, mais aglomeradas e mais privadas. A ditadura das ferrovias, esta sim, desapareceu, como previra McLuhan. Mas não a das rodas: decorrido meio século do vaticínio, somos hoje servos submissos de uma “casta” de vagões individuais, de diligências sem cavalos que atendem pelo singelo nome de automóvel. E, por fim, qualquer tentativa menos convencional de supressão da gravidade costuma redundar mais em manchetes espetaculosas do que em efetivos avanços científicos: o transporte antigravitacional permanece firmemente ancorado na ficção.

Independentemente de adotar-se uma perspectiva apocalíptica ou integrada, ou de acatar-se ou não a influência de McLuhan, a disposição de reconhecer que suas hipóteses faziam sentido é clara em vários pensadores contemporâneos de escol dedicados ao estudo da mídia, como é o caso de Pierre Levy e de Manuel Castels. Nesse sentido observaram Armand e Michèle Mattellart:

Se a noção de comunicação constitui problema, a de teoria da comunicação não fica atrás. Também ela é produtora de clivagens. Antes de mais nada, o estatuto e a definição da teoria, a exemplo do que ocorre em várias das ciências do homem e da sociedade, contrapõem-se vigorosamente de uma escola a outra, de uma epistemologia a outra. Além disso, a designação “escolas” pode ser ilusória. Uma escola pode abrigar numerosos componentes e estar longe de possuir a homogeneidade que seu nome parece sugerir. Enfim, o discurso sobre a comunicação é, com frequência promovido ao estatuto de teoria geral, sem inventário. As fórmulas brilhantes de Marshall McLuhan caminham lado a lado com o pesado aparato filosófico de Jurgen Habermas, sem que se possa dizer qual dos dois provocou a maior alteração dos olhares voltados ao ambiente tecnológico (MATTELART, 1999, p.11).

Parece-nos impensável que pesquisador da atualidade, que se proponha a investigar o campo da comunicação de massa, possa tratar do tema das mídias, incluindo a comunicação em rede, sem evocar a lembrança de McLuhan.

## Considerações finais

A piada é antiga. Tem origem em uma era imediatamente anterior à da telefonia móvel e se repetia de quando em quando, em uma mídia ou outra. Basicamente, retrata dois indivíduos que, estando ao mesmo tempo em um mesmo espaço, insistem em comunicar-se pelo telefone. Naquela época poderia ser engraçado, mas hoje já não é mais. Ou parece a alguém que seja pouco natural, em nossos dias, que colegas de um mesmo escritório falem entre si pelos respectivos ramais? O que na atualidade é motivo de riso – mas o será por pouco tempo – é o fato, cada dia mais corriqueiro, de encontrarmos duas ou mais pessoas reunidas em torno de uma mesma mesa, ou sentadas em um banco de jardim, a poucos centímetros de distância umas das outras, se relacionando mutuamente por uma rede social, através de seus fones inteligentes. E muitas vezes, entre essas pessoas estamos nós mesmos.

Reportagem recente dá conta de uma reclamação de proprietários de bares e restaurantes de todo o Brasil: seus lucros estariam diminuindo por conta do aumento de tempo de ocupação das mesas. As causas do fenômeno? Clientes demoram mais a fazer seus pedidos por estarem se comunicando em redes sociais. Quando chegam os pratos, ao invés de saboreá-los, necessitam antes compartilhar com os amigos a imagem. E além de tudo, ainda atrasam o trabalho dos garçons ao pedir-lhes que saquem fotografias, que serão enviadas às mesmas redes sociais. Outra matéria jornalística informa sobre uma nova doença postural, conhecida pelos ortopedistas como “pescoço de texto”. Consiste em um desvio na coluna cervical decorrente de uma postura física adotada pelas pessoas ao ler e digitar em seus celulares inteligentes.

Situações como essas descritas acima são exemplos contemporâneos de que a assertiva de McLuhan fazia sentido: é a forma do meio – ou da tecnologia – moldando a sociedade, independentemente do conteúdo da mensagem transmitida. Um diagnóstico correto, mas que padece de dois vícios que precisam ser superados: a afirmação de que somente a forma do meio é importante e a própria maneira escolhida por McLuhan para expor seus pensamentos.

No que diz respeito à importância da forma sobre o conteúdo, proposição que lhe rendeu as acusações de ‘determinismo tecnológico’, nossa tendência é adotar a visão de Lévy, que privilegia aquilo que chamamos “condicionamento tecnológico”. Essa postura nos parece mais adequada à realidade pois considera que, diante de uma nova tecnologia, não apenas o físico e o material, mas também o psíquico e o social determinam, conjuntamente, os rumos de uma civilização.

Por sua vez, o anarquismo metodológico, se é que poderíamos chamar assim, adotado por McLuhan, vítima principalmente a compreensão de sua ideia principal. O desprezo pelo significado dos termos, que ele demonstra francamente, leva o leitor a uma gama de possibilidades de interpretação que não facilita em nada o entendimento. No caso específico, essa “técnica” propiciou, ainda, a criação de um bordão sem nenhum sentido lógico e que, por isso mesmo, tornou-se em sucesso de público.

Em nosso entendimento, portanto, o meio não é a mensagem. Em ciência, palavras precisam ter significados claros e não se pode falar por metáforas. Uma coisa é o meio, outra a mensagem, e ambas terão sempre sua importância para a formação de um modelo e de uma consciência social. Assim como não se pode imaginar o nazismo sem o rádio, não se pode fazê-lo sem a persona do Führer.

Algumas outras questões se enquadram nesse mesmo parâmetro e, a nosso ver, necessitariam ser estudadas com mais profundidade. Entre estas, destacamos a que diz respeito à atribuição de valores intrínsecos ao objeto. Não é difícil aceitar a ideia de uma tecnologia como “extensão” de um órgão humano, quando estamos tratando de ferramentas ou outros apetrechos que sirvam para ampliar ou corrigir habilidades, ou mesmo compensar a falta delas. A coisa muda de figura, porém, quando nos diz o filósofo que o livro é a extensão do olho, ou que a eletricidade é uma extensão de nosso sistema nervoso central. E se complica mais ainda quando se pretende comparar uma arma de fogo com uma torta de maçã.

Toda a discussão, nesse caso, gira em torno dos tais “valores intrínsecos”. Em McLuhan, os objetos precisam ter essa característica, ou não se sustentaria a versão da supremacia da forma sobre o conteúdo. Sendo uma extensão, cada tecnologia carregaria, por consequência, os valores do indivíduo que dela se utiliza, a menos, claro, que tenha seus próprios valores e os imponha ao indivíduo. Assim, o homem é que passaria a ser uma extensão do meio.

Também aqui Pierre Lévy vem em nosso auxílio. Para nós, assim como para ele, a tecnologia, o meio, a técnica, as armas de fogo e as tortas de maçã não são boas, não são más e muito menos neutras. Parece-nos cristalino: ainda que cada tecnologia condicione, em maior ou menor medida, o futuro de uma sociedade, um meio “de mão única”, como o livro, o jornal, o rádio ou a TV, é uma extensão da voz do dono do meio, ou em muitos casos, do dono da voz que nos chega pelo meio. E, enquanto essa sociedade se pretender livre, cada um de nós poderá ouvir essa voz como bem quiser. Se admitirmos que a tecnologia elétrica está transformando nossa “limitação” gutenberguiana em um rol de habilidades outras, é preciso admitir, também, que alguns acham isso bom, libertador e revolucionário. Outros, nem tanto.

Mesmo com relação à hipótese de que McLuhan havia “previsto” o surgimento da Internet, temos nossas ressalvas. Acreditamos que a ideia deva ser vista com cuidado, sob o risco de se alimentar a criação de mais um mito, coisa que não se justifica mesmo diante da necessidade de resgatar suas teorias do limbo. Nesse contexto, a tendência é concordar menos com a ideia de uma “previsão” do que com a de uma “antevisão”. E ainda assim, preferimos considerar essa possibilidade pensando no termo como um aforismo, mais uma de suas metáforas “arrasa-quarteirão”.

Se McLuhan pretendia que seus leitores “entendessem os meios de comunicação”, forçoso é admitir que o resultado foi inverso. Seu bordão sobre o meio ser a mensagem, ao invés de explicar, complicou mais ainda a compreensão. E o motivo é simples: quando se usa metáforas, o entender pode querer dizer o ininteligível. Para que se complete a comunicação é preciso que as partes conheçam o código. A profusão de sentidos para uma mesma palavra, em um mesmo contexto, contribui decisivamente para que o ruído se sobreponha à mensagem.

Em um tempo como o nosso, com o terrorismo alçado ao status de arte visual e o argumento da força bruta se revigorando dia-a-dia no âmbito das “mídias sociais”, é essencial a todo o cidadão, e não apenas aos profissionais da comunicação, entender sem metáforas qual é o poder e qual é o papel dos meios de massa em uma sociedade democrática. Pensando nesse sentido, talvez possamos trazer uma última metáfora a ser desvelada: seria o título “Guerra e Paz na Aldeia Global” uma referência ao poder da comunicação como uma arma, se não de guerra, mas de dominação? O próprio McLuhan dá a pista, quando evoca Bonaparte: “prefiro enfrentar cem mil baionetas a três jornais hostis”. Não à toa os que têm pretensões totalitárias insistem em controlar a mídia: foi-se o tempo, como bem sintetizou Umberto Eco, em que, para se dominar um povo, os poderosos recorreriam aos tanques.

## Referências

- ASA, Briggs; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAPTISTA, Iuri Yudi Furukita; BARBOSA, Juliana dos Santos. 100 anos de MacLuhan: ideias que se consolidam. **Diálogo e Interação**, Cornélio Procópio, v. 5, p. 1-9, ago. 2011.
- BARBROOK, Richard. **Futuros imaginários**: das máquinas pensantes à aldeia global. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- CARR, Nicholas G. **A geração superficial**: o que a Internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CASTELS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 3 v.
- \_\_\_\_\_. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro; Zahar, 2003.
- CHALMERS, Alan F. **O que é ciência, afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.
- DEBRAY, Régis. **Manifestos midiológicos**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Apocalípticos e integrados**. 6. ed. São Paulo, Perspectiva, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Obra aberta**: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo, 34, 2000.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- KEEN, Andrew. **O culto do amador**: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Vertigem social**: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- MACLUHAN, Marshall. “Som, visão e fúria” *in*: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, p. 163-177, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A galáxia de gutenberg**: 2. ed. a formação do homem tipográfico. São Paulo: Nacional, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MACLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **O meio são as massa-gens**. Record: Rio de Janeiro, 1969.

\_\_\_\_\_. **Guerra e paz na aldeia global**. Record: Rio de Janeiro, 1970.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

SALARELLI, Alberto. Relendo o último capítulo de *Understanding media*: um tributo a Marschall McLuhan no centenário de seu nascimento. **Revista da Ciência da Informação e Documentação**. Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 3-18, jul./dez. 2011.

SHOPENHAUER, ARTHUR. **Como vencer um debate sem precisar ter razão**: em 38 estratégias: (dialética erística). Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

SOUSA, Janara; CURVELLO, João; RUSSI, Pedro (Orgs.). **100 anos de McLuhan**. Brasília, Casa das Musas, 2012.

TRINTA, Aluizio; “Explorations e Probes (Encontrando McLuhan)” in SOUSA, Janara; CURVELLO, João; RUSSI, Pedro (Orgs.). **100 anos de McLuhan**. Brasília, Casa das Musas, p.41-55, 2012.

TRINTA, Aluizio; “Marshall McLuhan essencial” in **Lumina**, Juiz de Fora, Facom/UFJF, v.6, n. ½, p.1-14, jan/dez 2003.